



**Escola Superior de Tecnologia e
Gestão de Portalegre**
Instituto Politécnico de Portalegre

**Escola Superior de Tecnologia de
Tomar**
Instituto Politécnico de Tomar



Relatório de Estágio Realizado na Câmara Municipal de Portalegre

Maria Alexandra Candeias Batista Ramalho

**Mestrado em Reabilitação Urbana
Construção**

Orientadora:

Professora Doutora Lurdes Belgas - Escola Superior de Tecnologia de Tomar

Coorientador:

Professor Doutor Paulo Brito - Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Portalegre

*“ ... entende-se por **reabilitação urbana** o processo de transformação do solo urbanizado, compreendendo a execução de obras de construção, reconstrução, alteração, ampliação, demolição e conservação de edifícios, tal como definidas no regime jurídico da urbanização e da edificação, com o objetivo de melhorar as suas condições de uso, conservando o seu carácter fundamental, bem como o conjunto de operações urbanísticas e de loteamento e obras de urbanização que visem a recuperação de zonas históricas e de áreas críticas de recuperação e reconversão urbanística.”*

(Artigo 1º do Decreto-Lei nº 104/2004 de 7 de Maio)

Resumo

O presente relatório apresenta as atividades desenvolvidas no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio I e Estágio II - Estágio Curricular integrado no Curso de Mestrado em Reabilitação Urbana.

O relatório abrange o período compreendido entre 26 de Novembro de 2012 e 28 de Junho de 2013 e nele se descreve a participação da estagiária nas tarefas que lhe foram propostas pela supervisora de Estágio, Engenheira Cláudia Capote, na Câmara Municipal de Portalegre.

Das atividades desenvolvidas destaca-se a participação na elaboração de um projeto para a reabilitação de um edifício localizado no Centro Histórico de Portalegre, as visitas realizadas para acompanhamento das obras a cargo da Câmara Municipal de Portalegre, participação em algumas vistorias a edifícios existentes e colaboração em projetos de execução, programas preliminares e estudos prévios.

Abstrat

The present report presents the developed activities in scope the curricular units of “Estágio I” and “Estágio II” – curricular stage integrated in the Master of Urban Rehabilitation.

The report covers the period between 26th of November 2012 and 28th of June 2013 and it describes the participation of the intern in task proposed by guideline of the stage, engineer Cláudia Capote, in the Câmara Municipal de Portalegre.

The developed activities represent the participation in the elaboration of a project to rehabilitate one building in the historic center of Portalegre, visits to work in progress and completed charge by Câmara Municipal de Portalegre, participation in some surveys to existing buildings and collaboration in projects execution, preliminary programs and previous studies.

Índice

Resumo.....	III
Abstrat.....	V
Índice.....	VII
Índice de Anexos	IX
Índice de Figuras e Tabelas	X
🔗 Figuras	X
🔗 Tabelas	XIV
1. Introdução.....	1
1.1. Enquadramento do Estágio.....	1
1.2. Objetivos de Estágio.....	1
1.3. Estrutura do Relatório de Estágio	2
2. Entidade Acolhedora do Estágio – Câmara Municipal de Portalegre	3
2.1. Breve História de Portalegre	3
2.2. Câmara Municipal de Portalegre.....	9
2.2.1. Atividades Socioeconómicas	10
2.2.2. Atividades culturais	11
2.3. Intervenções realizadas pela Câmara Municipal de Portalegre no âmbito de programas e incentivos à reabilitação urbana	11
2.3.1. Programa Polis.....	15
2.3.1.1. Percurso de ligação à zona do Museu das Tapeçarias	15
2.3.2. Programa PROHABITA.....	18
3. Atividades realizadas no decurso do estágio	21
3.1. Elaboração do Projeto de Reabilitação de um edifício do centro histórico.....	21
3.1.1. Caracterização de edifício existente	21
3.1.2. Proposta de intervenção	24
4. Intervenções a cargo da C.M. Portalegre.....	31
4.1. Casa Poeta José Régio	31
4.1.1. Requalificação da Acessibilidade e Mobilidade interna da Casa Poeta José Régio .	35
4.2. Museu das Tapeçarias de Portalegre	38

4.3	Espaço Robinson	40
4.4.	Convento de São Francisco	44
4.5.	ARH Tejo – Administração Regional Hidrográfica do Tejo	50
4.6.	Castelo de Portalegre	52
4.7.	Centro Social Diocesano de Santo António – Portalegre	57
4.8.	Parque de Campismo	59
4.9.	Resumo das intervenções apresentadas.....	61
5.	Conclusão	63
6.	Referências Bibliográficas	65

Índice de Anexos

Anexo A – Levantamento dimensional e breve caracterização de uma Moradia devoluta do Beco da Rua da Figueira.....	A.1
Anexo A.1 – Levantamento dimensional	A.3
Anexo A.2 – Fichas de Caracterização da Moradia	A.29
Anexo B – Casa Museu José Régio	B.1
Anexo B.1 – Peças Desenhadas.....	B.3
Anexo B.2 – Mapa de Quantidade e Mapa de Orçamento	B.9
Anexo C – Portaria n.º 740-DX/2012 de 24 de Dezembro de 2012	C.1
Anexo D – Colaboração no Programa Preliminar do Convento de São Francisco	D.1
Anexo D.1 – Plantas de requalificação do convento de São Francisco	D.3
Anexo D.2 – Mapa de Quantidades e Mapa Orçamento	D.7
Anexo D.3 – Estudo de Anomalias	D.29
Anexo E - ARH Tejo – Administração Regional Hidrográfica do Tejo	E.1
Anexo E.1 – Peças desenhadas	E.3
Anexo E.2 – Memoria Descritiva	E.17
Anexo E.3 – Mapa de Quantidades e Mapa de Orçamento.....	E.19
Anexo F – Castelo de Portalegre	F.1
Anexo F.1 – Piso 0: Corta-vento	F.3
Anexo G – Centro Social Diocesano de Santo António – Portalegre.....	G.1
Anexo G.1 – Peças desenhadas.....	G.3
Anexo G.2 – Mapa de Quantidade e Mapa de Orçamento.....	G.9
Anexo H – Parque de Campismo	H.1
Anexo H.1 – Peças desenhadas	H.3
Anexo H.2 – Mapa de Quantidade e Mapa de Orçamento.....	H.15
Anexo I – Diário de Estágio.....	I.1
Anexo I.1 – Diário de Estágio de 26 de Novembro de 2012 até 31 de Janeiro de 2013	I.3
Anexo I.2 – Diário de Estágio, de 5 de Fevereiro de 2013 até 28 de Junho de 2013	I.7

Índice de Figuras e Tabelas

Figuras

Figura. 1 – Câmara Municipal de Portalegre.....	3
Figura. 2 – Plátano do Rossio (1888).....	4
Figura. 3 – Rossio nos anos 50	4
Figura. 4 – Atualidade, Rossio (2010).....	4
Figura. 5 – Identificação das setes portas da cidade (fonte: CMP)	4
Figura. 6 – Porta de Elvas (fonte: CMP).....	5
Figura. 7 – Porta de Évora (fonte: CMP).....	5
Figura. 8 – Porta do Crato (fonte: CMP).....	5
Figura. 9 – Porta Falsa (fonte: CMP).....	5
Figura. 10 – Porta da Devesa (fonte: CMP)	6
Figura. 11 – Porta do Postigo (fonte: CMP).....	6
Figura. 12 – Porta de Alegrete (fonte: CMP).....	6
Figura. 13 – Convento de São Francisco [4]	7
Figura. 14 – Convento do São Francisco (1998) [4].....	7
Figura. 15 – Convento de São Francisco (2012)	7
Figura. 16 – Convento de Santo Agostinho	7
Figura. 17 – Convento de Santo Agostinho, atual posto da GNR [4]	7
Figura. 18 – Claustros do Convento de Santa Clara	7
Figura. 19 – Convento de Santa Clara, depois das obras de alargamento da Rua de Elvas.....	7
Figura. 20 – Convento de Santa Clara e entrada da Biblioteca Municipal de Portalegre [4].....	7
Figura. 21 – Convento de Santo António	8
Figura. 22 – Convento de São Bernardo (sem data)	8
Figura. 23 – Arcadas azulejadas do Convento de São Bernardo [5].....	8
Figura. 24 – Convento de São Bernardo (2009)	8
Figura. 25 – Colégio de São Sebastião na actualidade	8
Figura. 26 – Entrada para o Colégio (1995) [4]	8
Figura. 27 – Entrada para o Colégio (2010).....	8
Figura. 28 – Casa Museu José Régio, extinto Convento São Brás	9
Figura. 29 – Juntas de Freguesias do Concelho de Portalegre (fonte: CMP)	9
Figura. 30 - Organograma da Câmara Municipal de Portalegre em 2013 [6].....	10
Figura. 31 - Paços do Concelho (Colégio de São Sebastião) [9]	13
Figura. 32 – Ligações pedonais estabelecidas pelo Programa Polis (fonte: Google Maps)	16
Figura. 33 – Beco da Rua da Figueira e zona verde (Fonte: Google maps).....	17
Figura. 34 – Torre da muralha Medieval	17
Figura. 35 – Túnel das Fortificações seiscentista	17
Figura. 36 – Fonte Barroca	17
Figura. 37 – Maquete do projeto de ligação ao Museu das Tapeçarias (Fonte: CMP)	18
Figura. 38 – Jardim Zen	18
Figura. 39 – Fortificações Seiscentista	18

Figura. 40 – Identificação dos Imóveis reabilitados no âmbito do Programa PROHABITA [11]	19
Figura. 41 – Beco da Rua da Figueira	21
Figura. 42 – Delimitação do Centro Histórico de Portalegre	21
Figura. 43 – Fachada posterior, utilizando a muralha como parede de suporte	22
Figura. 44 – Caminho da ronda que permite o acesso à torre da muralha	22
Figura. 45 – Vista da Porta da Deveza, para quem sobe a Rua do Comercio (fonte: Google).....	22
Figura. 46 – Vista de Porta da Deveza, para quem desce a Rua do Comercio (fonte: Google)	22
Figura. 47 – Composição das paredes exteriores, em pedra e argamassa	23
Figura. 48 – Composição das paredes interiores, em tijolo de burro e argamassa	23
Figura. 49 – Chão de ladrilho de barro.....	23
Figura. 50 – Estrutura de pavimento onde assenta o pavimento.....	23
Figura. 51 – Cobertura em telha canudo	24
Figura. 52 – Estrutura da cobertura em madeira.....	24
Figura. 53 – Vão em blocos de granito bujardado	24
Figura. 54 – Caixilharia em madeira.....	24
Figura. 55 – Caixilharia em ferro	24
Figura. 56 – Alçado Principal.....	25
Figura. 57 – Alçado Principal existente	25
Figura. 58 – Alçado direito, focando a parte mais elevada da fachada	25
Figura. 59 – Fachada do lado direito.....	25
Figura. 60 – Parte do alçado posterior.....	26
Figura. 61 – Outra parte do alçado posterior.....	26
Figura. 62 – Representação integral da fachada posterior	26
Figura. 63 – Planta do Rés-do-chão.....	26
Figura. 64 – Planta do 1º Piso	26
Figura. 65 – Planta do 2º Piso	26
Figura. 66 – Planta da Cobertura	26
Figura. 67 – Alçado principal existente	27
Figura. 68 – Alçado principal proposto	27
Figura. 69 – Alçado posterior existente	27
Figura. 70 – Alçado posterior proposto	27
Figura. 71 – Hall de entrada comum a todos os pisos	27
Figura. 72 – Escadas de acesso aos pisos superiores	27
Figura. 73 - Planta de arquitetura do R/C	28
Figura. 74 – Reabertura do vão.....	28
Figura. 75 – Planta de arquitetura do Piso 1.....	29
Figura. 76 – Identificação da localização do.....	29
Figura. 77 – Proposta 1 para a planta de	29
Figura. 78 – Proposta 2 para a planta de	29
Figura. 79 – Identificação e localização dos vãos.....	30
Figura. 80 – Casa Poeta José Régio	31
Figura. 81 – Uma das entradas para o museu.....	32
Figura. 82 – Diferença de alturas entre a entrada (portão) e a zona exterior	32
Figura. 83 – Entrada para o museu dificultada pelo desnível e condições do terreno.....	32

Figura. 84 – Percursos de Ligação à Casa Poeta.....	32
Figura. 85 – Porta de acesso ao museu.....	33
Figura. 86 – Pormenor do puxador da porta.....	33
Figura. 87 – Zona onde se pretende criar uma plataforma elevatória de acesso ao 2º piso	33
Figura. 88 – Humidade no pavimento térreo.....	34
Figura. 89 – Arvore localizada junto ao edifício	34
Figura. 90 – Pavimento do pátio interior	34
Figura. 91 – Abaulamento do telhado.....	35
Figura. 92 – Pormenor da colocação das telhas.....	35
Figura. 93 – Traçado da rampa de acesso à Casa Poeta José Régio.....	36
Figura. 94 – Primeiro Troço.....	36
Figura. 95 – Calçada de pedra irregular	36
Figura. 96 – Segundo Troço.....	37
Figura. 97 – Terceiro troço	37
Figura. 98 – Diferenças de cotas entre a estrada e a rampa.....	37
Figura. 99 - Quarto Troço	37
Figura. 100 - Museu das Tapeçarias de Portalegre	38
Figura. 101 - Visualização dos três patamares da cobertura	38
Figura. 102 - Primeiro patamar da cobertura	38
Figura. 103 - Segundo e terceiro patamar e da cobertura.....	38
Figura. 104 - Muralha medieval	39
Figura. 105 - Utilização da muralha medieval como estrutura de suporte ao alçado posterior	39
Figura. 106 - Fortificações de Seiscentos	39
Figura. 107 - Acabamentos mal executados	39
Figura. 108 - Acumulação de resíduos de construção	39
Figura. 109 - Falta de remates / acabamentos	39
Figura. 110 - Deficiente colocação dos elementos de drenagem e da inclinação da cobertura	39
Figura. 111 - Proposta de requalificação da parte ajardinada da cobertura	40
Figura. 112 - Convento de São Francisco - Fabrica Robinson [13]	41
Figura. 113 - Fabrica Robinson (Fonte: Google).....	41
Figura. 114 - Definição do Espaço Robinson (fonte: Google).....	42
Figura. 115 - Estabilização do muro, aparecimento de vegetação rasteira.....	42
Figura. 116 - Contenção em funcionamento, empolamento nos materiais de contenção	42
Figura. 117 - Observação da malha de ancoragens e de muro estável	42
Figura. 118 - Empolamento e descasque da pintura no teto.....	43
Figura. 119 - Descasque e aparecimento de caruncho na parede e teto junto à janela	43
Figura. 120 - Problemas com a infiltração de água (pavimento de madeira).....	43
Figura. 121 - Convento de São Francisco, século XIX [16].....	44
Figura. 122 - Limites da Cidade no início do século XIII [14].....	44
Figura. 123 - Convento de São Francisco e da Porta de Alegrete (fonte: Sapo Mapas)	44
Figura. 124 - Parte da atual fachada do convento de São Francisco	45
Figura. 125 - Fachada principal	46
Figura. 126 - Interior do convento, zona dos claustros.....	46
Figura. 127 - Porta da entrada principal	46

Figura. 128 - Presença de humidade ascensional, em paredes do piso térreo	46
Figura. 129 - Presença de humidade por infiltrações nos tetos	46
Figura. 130 - Zona onde existe acumulação e escorrência de água.....	46
Figura. 131 - Pormenor da zona afetada.....	46
Figura. 132 - Problemas de escorrência de água nas habitações	47
Figura. 133 - Fissuração do teto	47
Figura. 134 - Queda de reboco.....	47
Figura. 135 - Parque de Estacionamento de São Francisco (fonte: Google).....	47
Figura. 136 - Acesso à Administração Regional Hidrográfica do Tejo.....	50
Figura. 137 - Zona onde se irá colocar a rampa metálica	50
Figura. 138 - Acesso à instituição	50
Figura. 139 - Alçado existente.....	51
Figura. 140 - Alçado com a introdução da rampa de acesso proposta	51
Figura. 141 - Torre de Menagem antes da intervenção do Programa Polis (fonte: Google).....	52
Figura. 142 - Localização das torres existentes (fonte: Google Mapas).....	52
Figura. 143 - As torres do Castelo e as muralhas fundem-se na cidade (fonte: Google).....	53
Figura. 144 - Pátio de Armas delimitado por duas torres (fonte: Google).....	53
Figura. 145 - Teto de abóbada	53
Figura. 146 - Interior da Torre.....	53
Figura. 147 - Estrutura de ligação entre a torre e o Pátio de Armas	54
Figura. 148 - Pátio de Armas	54
Figura. 149- Planta do Rés-do-chão do Castelo de Portalegre	55
Figura. 150 - Esquema do corta-vento de vidro.....	55
Figura. 151 - Solução proposta para o corta-vento	56
Figura. 152 - Planta de localização do 2º piso do castelo	56
Figura. 153 - Colégio Diocesano de Santo António Portalegre	57
Figura. 154 - Planta existente da zona onde se pretende fazer a cozinha.....	57
Figura. 155 - Planta proposta para a construção da cozinha	58
Figura. 156 - Perímetro do Parque de Campismo e	59
Figura. 157 - Receção / Habitação do vigilante (1)	60
Figura. 158 - Balneários femininos e masculinos com lavandaria (2)	60
Figura. 159 - Balneários femininos e masculinos com lavandaria (3)	60

Tabelas

Tabela 1. Obras e ações do Programa Polis na cidade de Portalegre	13
Tabela 2 - Descrição das principais anomalias observadas no Espaço Robinson	43
Tabela 3. Descrição das Anomalias de São Francisco [19] e [20].....	48
Tabela 4 - Resumo das intervenções apresentadas	61
Tabela 5. Anexo A.2 - Ficha nº 1.....	A.29
Tabela 6. Anexo A.2 - Ficha nº 2.....	A.31
Tabela 9. Anexo D.3 - Ficha nº1: Humidade Ascensional.....	D.29
Tabela 10. Anexo D.3 - Ficha nº2: Humidade por infiltração de água	D.30
Tabela 11. Anexo D.3 - Ficha nº3: Humidade por infiltração de água em zonas pontuais	D.31
Tabela 12. Anexo D.3 - Ficha nº4: Fungos e Bolores.....	D.32
Tabela 13. Anexo D.3 - Ficha nº5: Fissuração Longitudinal.....	D.33
Tabela 17. Anexo I.1 - Diário de Estágio de 26 de Novembro de 2012 até 31 de Janeiro de 2013 .	I.3
Tabela 18. Anexo I.2 - Diário de Estágio de 5 de Fevereiro de 2013 ate 28 de Junho de 2013	I.7

1. Introdução

1.1. Enquadramento do Estágio

No dia 26 de Novembro de 2012 teve início, na Câmara Municipal de Portalegre, o Estágio Curricular, inserido âmbito do curso de Mestrado em Reabilitação Urbana da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Portalegre em parceria com o Instituto Politécnico de Tomar.

O Estágio foi realizado por Maria Alexandra Ramalho, tendo como orientadores o Professor Doutor Paulo Brito da ESTGP, a professora Doutora Lurdes Belgas da ESTT e a senhora Engenheira Cláudia Capote como supervisora do Estágio por parte da entidade acolhedora – Câmara Municipal de Portalegre.

O Estágio Curricular permitiu a aplicação dos conhecimentos adquiridos nas várias Unidades Curriculares do curso. Constituiu um processo de aprendizagem e valorização do conhecimento constante.

Sendo a primeira experiência profissional, tratou-se de uma etapa não só de intensa aprendizagem como também de consciencialização para uma nova realidade, tanto a nível pessoal como profissional, onde as inúmeras valências académicas foram aplicadas de um modo global.

1.2. Objetivos de Estágio

Os principais objetivos propostos para este estágio curricular foram os seguintes:

- Conhecer a estrutura organizacional da entidade acolhedora, bem como as atividades por ela desenvolvidas;
- Adquirir experiência profissional a nível da reabilitação urbana e adquirir conhecimentos noutras ferramentas de trabalho nomeadamente do programa de desenho AutoCad;
- Realizar visitas a instituições (CERCI-Portalegre, Fundação Robinson, Administração Regional Hidrográfica do Tejo e Colégio Diocesano de Santo António), museus e monumentos (Casa Museu José Régio, Museu das Tapeçarias e Castelo de Portalegre) e Parque de Campismo de Portalegre;
- Participar na elaboração de projetos;
- Realizar um projeto para a melhoria da acessibilidade à sede da ARH-Tejo.

O cumprimento destes objetivos proporcionou à estagiária uma melhor formação pessoal, técnica e profissional, que conduzirão a uma maior capacidade e facilidade de integração no mercado de trabalho.

1.3. Estrutura do Relatório de Estágio

O presente Relatório de Estágio está organizado em seis capítulos que pretendem descrever as atividades desenvolvidas no decurso do Estágio Curricular realizado na Câmara Municipal de Portalegre:

No Capítulo 1, faz-se a Introdução, apresentam-se os objetivos do Estágio e a Estrutura do Relatório;

No Capítulo 2, apresenta-se a entidade de acolhimento – Câmara Municipal de Portalegre. É ainda feita uma breve caracterização da cidade de Portalegre;

No Capítulo 3, apresenta a proposta para um Projeto de Reabilitação para de edifício localizado no Centro Histórico;

No Capítulo 4, descrevem-se as visitas realizadas e as propostas para intervenções de reabilitação a cargo da C.M. Portalegre;

No Capítulo 5, apresenta-se as conclusões. Faz-se uma breve descrição de como decorreu todo o estágio curricular e de como as expectativas da estagiária quer a nível profissional quer a nível pessoal foram concretizadas;

No Capítulo 6, é apresentada toda a bibliografia utilizada para a elaboração deste relatório de estágio curricular.

Por último são apresentados em anexo todos os projetos em que a estagiária pode colaborar, bem como todo o trabalho realizado pela mesma.

2. Entidade Acolhedora do Estágio – Câmara Municipal de Portalegre

O Presente Estágio Curricular decorreu na Câmara Municipal de Portalegre sob a coordenação da senhora Engenheira Cláudia Capote.

Neste Capítulo apresenta-se uma breve caracterização da Cidade de Portalegre. Faz-se também a apresentação da entidade acolhedora do estágio, no que se refere nomeadamente à Constituição e organização da Câmara Municipal de Portalegre (organograma) e uma referência às obras de Reabilitação já realizadas.



Figura. 1 – Câmara Municipal de Portalegre

2.1. Breve História de Portalegre

Neste local de passagem (*Portus*), situado numa região verdejante e aprazível (*Alacer*) o casario foi aumento no vale formado pela Penha de S. Tomé (Serra da Penha) e pela Serra de S. Mamede, constituindo a cidade de *Portus Alacer* e com o decorrer do tempo passou a designar-se Portalegre.

No Seculo XIII, Dom Dinis manda remodelar as muralhas à volta da cidade. Neste mesmo seculo é construído fora das muralhas o Convento de São Francisco (1228-1266). Aproximadamente cem e dez anos depois, 1376, é construído o Convento de Santa Clara, este encontra-se já no interior da muralha.

Em 1550, a 23 de Maio, D. João III eleva Portalegre a cidade. Dois anos depois de Portalegre de tornar cidade (1552), inicia-se a construção do Convento de Santo António e quatro anos depois (1556), é lançada a primeira pedra da Sé Catedral.

Em 1605, é estabelecido em Portalegre o Colégio de São Sebastião pela mão dos Jesuítas.

Em 1772 é fundada a Real Fabrica de Lanifícios por iniciativa do Marques de Pombal, é instalada no antigo Colégio de São Sebastião [1].

Em 1840, o inglês George Robinson instala-se com a família em Portalegre. Neste mesmo ano, adquire os direitos de exploração da corticeira instalada no extinto Convento de São Francisco e cria a Fabrica George Robinson [2]. Cem anos depois, é criada a Fabrica de Manufatura de Tapeçarias de Portalegre.

Estas três fábricas, durante anos foram o sustento de muitas famílias desta região.

Em 1848 é plantado o emblemático Plátano do Rossio. As figuras seguintes, Fig.2, Fig.3 e Fig.4, mostram a evolução da cidade ao longo dos anos acompanhando o crescimento desta mítica árvore [1].



Figura. 2 – Plátano do Rossio (1888)



Figura. 3 – Rossio nos anos 50



Figura. 4 – Atualidade, Rossio (2010)

Portalegre possui um vasto património quer a nível histórico, quer a nível arquitetónico. A cidade é conhecida como a cidade das setes portas e mais recentemente como a cidade dos sete conventos.

As setes portas da cidade, localizadas na muralha medieval, na altura delimitavam o perímetro urbano da cidade e permitiam aos visitantes o acesso à cidade. A figura 5 representa a muralha medieval e assinala a localização das portas da cidade [1]:



Figura. 5 – Identificação das setes portas da cidade (fonte: CMP)

As figuras seguintes ilustram a localização e descrevem essas portas.

1. Porta de Elvas



Figura. 6 – Porta de Elvas (fonte: CMP)

Localizava-se na actual Rua de Elvas.

Esta porta já não existe, assim como não existem vestígios da sua construção.

2. Porta de Évora



Figura. 7 – Porta de Évora (fonte: CMP)

Localizava-se na atual Rua do Arco, que faz a ligação da Praça do Município à Rua 1º de Maio.

Esta porta também não existe, assim como não existem vestígios da sua construção.

A atribuição do nome desta porta deve-se ao facto da proximidade à cidade de Évora, capital do Alto Alentejo.

3. Porta do Crato



Figura. 8 – Porta do Crato (fonte: CMP)

É uma construção do século XIII. O nome da “Porta do Crato” deve-se ao facto de se encontrar em frente da vila do Crato, povoação de grande prestígio naquela época. Atualmente é conhecida com Arco do Bispo.

4. Porta Falsa



Figura. 9 – Porta Falsa (fonte: CMP)

Esta porta localizava-se no Beco da Rua da Figueira. Construída no século XIII, tinha a designação de “Poterna”, que significava falsa porta. Esta levava a uma galeria subterrânea, que permitia sair secretamente da praça fortificada.

5. Porta da Devesa



Figura. 10 – Porta da Devesa (fonte: CMP)

Localiza-se no início da Rua 5 de Outubro e no final da Rua Luís de Camões.

Esta porta é uma das insígnias da cidade de Portalegre. A origem do seu nome deve-se ao facto de separar a povoação do campo fértil que, naquele tempo, lhe seguia, ou ainda por ser o *terminus* dessa mesma povoação.

6. Porta do Postigo



Figura. 11 – Porta do Postigo (fonte: CMP)

Localizava-se na atual Rua do Carmo.

Em 1934, devido a obras nessa eixo da rua, a porta foi deslocada, doze metros para sul, para se proceder ao seu encastramento na muralha existente no Largo dos Combatentes da Grande Guerra.

7. Porta de Alegrete



Figura. 12 – Porta de Alegrete (fonte: CMP)

Localiza-se no final da Praça da República (antigo Corro). É mais conhecida como Arco de Santo António, devido a existência de um nicho com a imagem daquele santo.

Antigamente devia ser a porta de maior movimento da cidade, pois ligava os lugares de lazer, mercados e os acessos às freguesias rurais mais populosas.

Portalegre caracteriza-se pela sua riqueza arquitetónica onde os seus conventos assumem um papel preponderante. Apesar da extinção das ordens religiosas, todos eles foram transformados e adaptados a novas funções. Portalegre é conhecida como a cidade dos sete conventos [3]:

1. Convento de São Francisco – é o mais antigo. Parte do convento albergou a Fábrica George Robinson e a outra parte um antigo quartel.

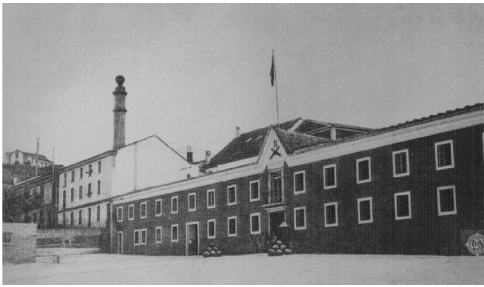


Figura. 13 – Convento de São Francisco [4]



Figura. 14 – Convento do São Francisco (1998) [4]



Figura. 15 – Convento de São Francisco (2012)

2. Convento de Santo Agostinho – foi erguido pela ordem dos Eremitas Descalços, é hoje ocupado pela Guarda Nacional Republicana.



Figura. 16 – Convento de Santo Agostinho



Figura. 17 – Convento de Santo Agostinho, atual posto da GNR [4]

3. Convento de Santa Clara – a sua fundação remonta ao ano de 1376. Teve uma utilização sempre de cariz benevolente. Recolhia senhoras pobres ou raparigas em “perigo moral”. Desde Maio de 1999, é ocupado pela Biblioteca Municipal de Portalegre.



Figura. 18 – Claustros do Convento de Santa Clara



Figura. 19 – Convento de Santa Clara, depois das obras de alargamento da Rua de Elvas



Figura. 20 – Convento de Santa Clara e entrada da Biblioteca Municipal de Portalegre [4]

4. Convento de Santo António – foi mandado construir, em 1572, pelo Bispo D. André de Noronha e destinava-se a ajudar os mais carenciados. **“Com uma vista privilegiada sobre Portalegre, dali se via sem ser visto.”. [3]**



Figura. 21 – Convento de Santo António

5. Convento de São Bernardo – a sua fundação data do século XVI, sendo abadia da ordem de Cister. Atualmente o seu aspeto exterior assemelha-se a um monte alentejano, mas o seu interior exhibe uma grande beleza arquitetónica, azulejaria e o túmulo do Bispo D. Jorge de Mello. Hoje em dia o convento alberga a escola prática da GNR.



Figura. 22 – Convento de São Bernardo (sem data)



Figura. 23 – Arcadas azulejadas do Convento de São Bernardo [5]



Figura. 24 – Convento de São Bernardo (2009)

6. Colégio de São Sebastião – a sua construção data do ano de 1605, e dedicava-se à formação de sacerdotes. Em 1772, é nele inaugurada a “Real Fabrica de Lanifícios de Portalegre”. Já no século XX, este espaço é ocupado pela Banda Euterpe e pela COOPOR. Neste mesmo século o edifício sofre obras de reabilitação mantendo a estrutura original do antigo colégio. Atualmente constitui as instalações da Câmara Municipal de Portalegre.



Figura. 25 – Colégio de São Sebastião na actualidade



Figura. 26 – Entrada para o Colégio (1995) [4]



Figura. 27 – Entrada para o Colégio (2010)

7. Convento de São Brás, atualmente pouco se sabe sobre este convento. Pela estrutura e divisões do edifício da Casa Museu José Régio, sabe-se que ali existiu um convento.



Figura. 28 – Casa Museu José Régio, extinto Convento São Brás

2.2. Câmara Municipal de Portalegre

O Município de Portalegre engloba uma área de 4446,24 km² e conta com cerca de 24 930 habitantes (censos de 2011) num total de 10 Freguesias, sendo constituído por duas freguesias urbanas (Freguesia da Sé e de São Lourenço) e por oito freguesias rurais (freguesia da Alagoa, freguesia das Carreiras, Freguesia da Ribeira de Nisa, freguesia dos Fortios, Freguesia do Reguengo, freguesia de São Julião, Freguesia da Urra e Freguesia da Alegrete) [5]. A figura ilustra a localização das freguesias do Concelho de Portalegre



Figura. 29 – Juntas de Freguesias do Concelho de Portalegre (fonte: CMP)

Com a reorganização das freguesias, passou a haver uma freguesia urbana, freguesia Sé-São Lourenço, e cinco freguesias rurais, freguesia Reguengo-São Julião, freguesia Fortios-Alagoa, freguesia Ribeira de Nisa-Carreiras, freguesia da Urra e freguesia da Alegrete.

A figura 30, mostra o organograma da Câmara Municipal de Portalegre. O executivo municipal é constituído pela presidente da Câmara e seis vereadores.



Figura. 30 - Organograma da Câmara Municipal de Portalegre em 2013 [6]

2.2.1. Atividades Socioeconómicas

A Fábrica Real de Lanifícios, como já foi dito anteriormente, foi a primeira fábrica a instalar-se em Portalegre. Outra das importantes fábricas da região de Portalegre, a Fabrica da Robinson que surgiu em força durante os anos oitenta. Por fim aparece a Fabrica de Manufatura de Tapeçarias de Portalegre. Durante muitos anos estas três fábricas foram o local de trabalho de muitas pessoas da região de Portalegre.

No sector da industria pode-se também falar da Invicar- Industria de Confeções, que se dedica à confeção e comercialização de roupa exterior feminina e da Selenis que se dedica à produção de polímeros PET e de fibras de poliéster.

No sector agrícola evidencia-se a produção de vinho e na criação e apuramento de gado caprino e ovino que tem permitido a criação e o melhoramento da produção queijeira e de enchidos.

Relativamente ao ensino, Portalegre possui uma instituição de Ensino Superior - o Instituto Politécnico de Portalegre, que é constituído pela Escola Superior de Educação, Escola Superior de Tecnologia e Gestão e Escola Superior de Saúde. Possui ainda o Conservatório Regional de Musica e a Escola de Hotelaria e Turismo instalada no Espaço Robinson [1].

2.2.2. Atividades culturais

Em 1836 foi publicado “O Portalegrense” foi o primeiro semanário manuscrito publicado. Foram precisos dez anos para sair o primeiro número do “Boletim de Portalegre” que era afixado nas ruas. Com este boletim Portalegre foi a segunda cidade alentejana a ter imprensa periódica.

Nas letras distinguiu-se o poeta José Régio que aqui viveu e aqui legou toda a sua obra, permitindo assim a criação da Casa Museu José Régio. Salientam-se ainda outros portalegrenses importantes como Cristóvão Colombo e Frei Amador Arrais.

Na música podem-se distinguir nomes como António Ferro, Manuel Tavares, entre outros. No domínio da pintura Benvindo Ceia, João tavares e Manuel D’Assumpção foram nomes que se distinguiram [1].

2.3. Intervenções realizadas pela Câmara Municipal de Portalegre no âmbito de programas e incentivos à reabilitação urbana

Ao longo dos anos as nossas cidades vão apresentando uma gradual degradação dos seus edifícios e espaços urbanos. Este fenómeno deve ao próprio envelhecimento das estruturas, sobrecarga de uso e alterações significativas na estrutura original de modo a acompanhar as necessidades dos tempos modernos.

Assim sendo torna-se necessário o desenvolvimento de estratégias de intervenção, de modo a que se possam evitar intervenções que saiam do contexto da reabilitação urbana. [7]

Para que tal não acontecesse, houve a necessidade da produção de legislação que estabelecesse uma política de reabilitação urbana a nível nacional e criação de programas de apoio e incentivo à reabilitação nos centros históricos. Enumeram-se algumas dessas disposições legais.

- **Decreto-Lei nº 105/96 de 31 de Julho:** Determina a criação do Regime de Apoio à Recuperação Habitacional em Áreas Urbanas Antigas (Programa REHABITA);
- **Decreto-Lei nº 106/96 de 31 de Julho:** Estabelece o Regime Especial de Participação e Financiamento de Prédios Urbanos em Regime de Propriedade Horizontal (Programa RECRIPH);
- **Decreto-Lei nº 7/99 de 8 de Janeiro:** Aprova o Programa de Solidariedade a Apoio à Recuperação à Habitação (Programa SOLARH);
- **Decreto-Lei nº 329-C/2000 de 22 de Dezembro:** Define as alterações ao Regime Especial de Participação na Recuperação de Imóveis Arrendados (programa RECRIFA)
- **Decreto-Lei nº 39/2001 de 9 de Fevereiro:** Altera o Decreto-Lei nº 7/99 de 8 de Janeiro, que aprova o Programa SOLARH, passando esta a designar-se por Programa de Apoio Financeiro Especial para a Reabilitação de Habitações;
- **Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro:** Estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural;
- **Decreto-Lei nº 104/2004 de 7 de Maio:** Define o regime jurídico excecional da reabilitação urbana de zonas históricas;
- **Lei nº 95-A/2009 de 2 de Setembro:** Autoriza o Governo a proceder à aprovação do regime jurídico da reabilitação urbana e a proceder à primeira alteração ao Decreto-Lei nº 157/2006 de 8 de Agosto, que aprova o regime jurídico das obras em prédios arrendados;
- **Decreto-Lei nº 307/2009 de 23 de Outubro:** Estabelece o regime jurídico da reabilitação urbana em áreas de reabilitação urbana;
- **Lei nº 32/2012 de 14 de Agosto:** Faz-se a primeira alteração ao Decreto-Lei nº 307/2009 de 23 de Outubro que estabelece o regime jurídico da reabilitação urbana, aprovando medidas destinadas a agilizar e a dinamizar a reabilitação urbana;
- **Decreto-Lei nº 266-B/2012 de 12 de Dezembro:** Estabelece o regime de determinação do nível de conservação dos prédios urbanos ou frações autónomas arrendadas ou não para os efeitos previstos em matéria de arrendamentos urbanos, de reabilitação urbana e de conservação do edificado, e que revoga os Decretos-Lei nº 156/2006 de 8 de Agosto e o nº 161/2006 de 8 de Agosto. [8]

Apesar das dificuldades admirativas, logísticas e financeiras, Câmara Municipal de Portalegre, desde meados dos anos noventa tem demonstrado muito interesse no âmbito da regeneração urbana. Neste âmbito têm sido desenvolvidas diversas iniciativas, das quais se salientam:

- **A Recuperação de edifícios notáveis**

Destacam-se as atuais instalações da Câmara Municipal/Centro de Congressos, no antigo Colégio de S. Sebastião. A obra de recuperação do edifício foi galardoada com o Prémio Nacional de Arquitetura (Fig.31).



Figura. 31 - Paços do Concelho (Colégio de São Sebastião) [9]

- Programa Polis

O Programa Polis teve como objetivo melhorar a qualidade de vida nas cidades através de intervenções urbanísticas e ambientais. No âmbito deste programa foram realizadas 12 grandes intervenções. Na Tabela 1 apresenta-se um resumo das intervenções realizadas ao abrigo do Programa Polis.

Tabela 1. Obras e ações do Programa Polis na cidade de Portalegre (in “Estratégia de Reabilitação Urbana/Cidade de Portalegre”) [9]

Temática	Obras e ações	Objetivos
Requalificação e consolidação da estrutura viária principal	Correção Viária da Estrada da Serra	Requalificação do espaço e a melhoria das condições de segurança e fluidez do tráfego numa das principais vias do aglomerado – a estrada da Serra, assim como o acesso ao futuro parque de estacionamento de S. Francisco
Criação de atravessamentos pedonais entre o centro histórico e as áreas em processo de urbanização na meia encosta.	Percurso de Ligação ao Museu da Tapeçaria	Recuperação e Valorização dos espaços adjacentes às Estruturas Defensivas Medievais e Setecentistas – Torres, Muralhas e Baluartes
	Reconfiguração da Rua 1º de Maio; Infraestruturas da Rua 1º de Maio	Remodelação de Infraestruturas no Âmbito da Requalificação Urbana do jardim da Corredoura
Constituição de uma rede de parques de estacionamento e melhoramento das acessibilidades interna	Parque de Estacionamento da Corredoura	Resposta à crescente procura de estacionamento na zona envolvente ao Jardim da Corredoura e nos arredores da zona central da cidade.
	Parque de Estacionamento de São Francisco	Parque na zona Norte da Cidade (envolvente de S. Francisco e Fábrica Robinson) veio responder à procura na envolvente de um elevado número de equipamentos e de serviços

Valorização paisagística de zonas verdes e jardins, promovendo a sua ligação pedonal	Requalificação e valorização dos Jardins da Av. Da Liberdade e Corredoura	Requalificação da primeira mancha verde artificial de Portalegre, que se encontrava muito degradado e com baixo nível de utilização.
	Infraestruturas do Jardim da Corredoura	Remodelação de Infraestruturas (Abastecimento de Água, Águas Residuais e rede de drenagem de águas pluviais e residuais domésticas) no Âmbito da Requalificação Urbana do jardim da Corredoura
Requalificação urbana do passeio público	Requalificação do Eixo Praça da República / Praça da Sé	Requalificação e valorização de espaços públicos localizados no eixo designado por “Passeio Público” no Centro de Portalegre, situado entre a Praça da República e o Largo da Sé.
	Infraestruturas do Eixo Praça da República / Praça da Sé	Remodelação de Infraestruturas no Âmbito da Requalificação Urbana do Passeio Público – Eixo Praça da República-Praça da Sé”.
Requalificação do espaço público envolvente à muralha	Requalificação do Castelo de Portalegre e Barbacã	Com esta intervenção, mais do que a recuperação de um dos ex-libris da cidade, pretendeu-se manter o sentimento de identificação da comunidade residente com a sua cidade, potenciando as infraestruturas e equipamentos de valorização do tecido humano local, explorando a sua ligação com o exterior, com a dimensão turística deste espaço.
Sensibilização ambiental	Centro de Monitorização e Interpretação Ambiental	O centro – localizado nas novas instalações da Câmara Municipal – teve o objetivo pedagógico da divulgação dos valores ambientais presentes e monitorização contínua dos diversos descritores ambientais.

- **Programa PROHABITA**

Este programa visa a reabilitação dos edifícios degradados do centro histórico de Portalegre, que estejam inseridos na área de recuperação e reconversão urbanística. Tem como objetivos:

- Recuperação de habitações degradadas e/ou devolutas para habitação social;
- Reabilitar a zona histórica da Cidade – recuperação de edifícios em risco, degradados ou desabitados
- Resolver as necessidades de procura de habitação social;
- Repovoar o centro histórico com novos moradores e dinamizar o mesmo.

- **Rede do Património de Portalegre**

A criação desta rede, entre o Município de Portalegre e a Fundação Robinson, tem por objetivo:

- Garantir a valorização de bens culturais através da investigação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, para fins científicos, educativos e lúdicos.

- **Candidatura às Parcerias para a Regeneração Urbana**

Esta candidatura surge no âmbito do Polis XXI e incide sobre o Espaço Robinson e envolvente, pretendendo-se criar uma nova centralidade cultural da cidade.

- **Processos de Reabilitação de iniciativa Particular**

A iniciativa da recuperação de alguns imóveis por parte de particulares, é um aspeto positivo e um indicador dinâmico. No entanto, devido a uma economia desfavorável, alguns dos licenciamentos não foram executados.

2.3.1. Programa Polis

O Programa Polis, realizado a nível nacional, teve como principal objetivo, melhorar a qualidade de vida nas cidades, através de intervenções de carácter urbanístico e ambiental.

A intervenção do programa Polis na cidade de Portalegre pretendia que:

- Se encarasse o património cultural, histórico e urbano/arquitetónico e os recursos naturais e paisagísticos;
- Se desenvolvesse como facto direto de requalificação da vida da população, residente ou flutuante, no que se refere à disponibilização de melhores ou mais adequadas infraestruturas e serviços, equipamentos e habitações;
- Se entendesse como fator indireto de estabilização e retoma socioeconómica apoiadas na emergente atividade turística, enquanto instrumento qualificador da oferta turística local e regional.

O âmbito de intervenção deste programa esteve em sintonia com os objetivos que a Câmara Municipal de Portalegre tem procurado prosseguir, como melhorar a qualidade de vida na cidade. Com a implementação deste plano, obteve-se uma requalificação urbana e a valorização ambiental, otimizando a multifuncionalidade e a versatilidade de variados espaços.

2.3.1.1. Percurso de ligação à zona do Museu das Tapeçarias

No conjunto de ações de requalificação e revitalização do centro urbano de Portalegre previsto no programa Polis, a Rua 1º de Maio, concentra um conjunto de intervenções, com o objetivo de estabelecer a conexão entre as zonas de expansão da encosta poente e a zona histórica.

Face a esta situação, procurou-se uma solução para a ligação à zona envolvente ao Museu das Tapeçarias e Beco da Rua da Figueira (Fig.33).



Figura. 33 – Beco da Rua da Figueira e zona verde (Fonte: Google maps)

Os principais fatores levaram à intervenção e criação de um espaço verde no Beco da Rua da Figueira foram as muralhas da cidade e a torre da muralha (Fig.34), um troço de túnel das fortificações seiscentista (Fig.35), um quarteirão inteiro pontuado por uma magnífica nogueira, uma fonte barroca (Fig.36), várias casas antigas e a Serra da Penha.



Figura. 34 – Torre da muralha Medieval



Figura. 35 – Túnel das Fortificações seiscentista



Figura. 36 – Fonte Barroca

Este conjunto de fatores determinaram o aproveitamento do túnel para a criação de rampas suaves que viabilizam o acesso de peões e de pessoas com carência de mobilidade. Aproveitando fraturas existentes no pano da muralha criaram-se escadas de acesso às plataformas das muralhas (Fig.35).

O interior do quarteirão permitirá uma multiplicidade de utilizações e a instalação de fontes e de planos de água.

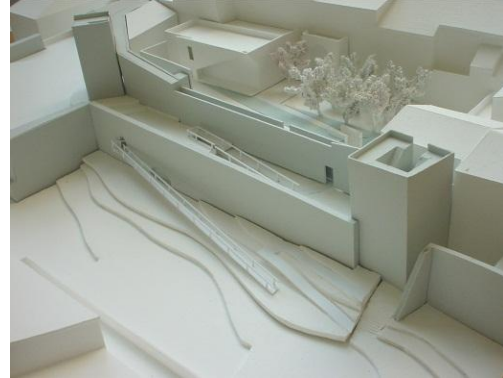


Figura. 37 – Maquete do projeto de ligação ao Museu das Tapeçarias (Fonte: CMP)



Figura. 38 – Jardim Zen



Figura. 39 – Fortificações Seicentista

2.3.2. Programa PROHABITA

O programa PROHABITA (Programa de Financiamento para Acesso à Habitação) vem no âmbito dos Acordos de Colaboração entre os Municípios e Associações Municipais e o Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana, a fim de resolver problemas habitacionais.

No âmbito deste programa a Câmara Municipal de Portalegre, pretende reabilitar o centro histórico da cidade, através da compra de edifício devolutos e degradados. Esses edifícios, depois de reabilitados, destinam-se a habitação social. Está prevista a recuperação de cerca de 115 edifícios devolutos ou degradados existentes no centro histórico.

A Câmara Municipal de Portalegre, pretende deste modo dar resposta às famílias carenciadas e ao mesmo tempo fazer um repovoamento do centro histórico da cidade. [10]

A figura seguinte apresenta a localização de alguns imóveis reabilitados pelo Programa PROHABITA (Fig.40).

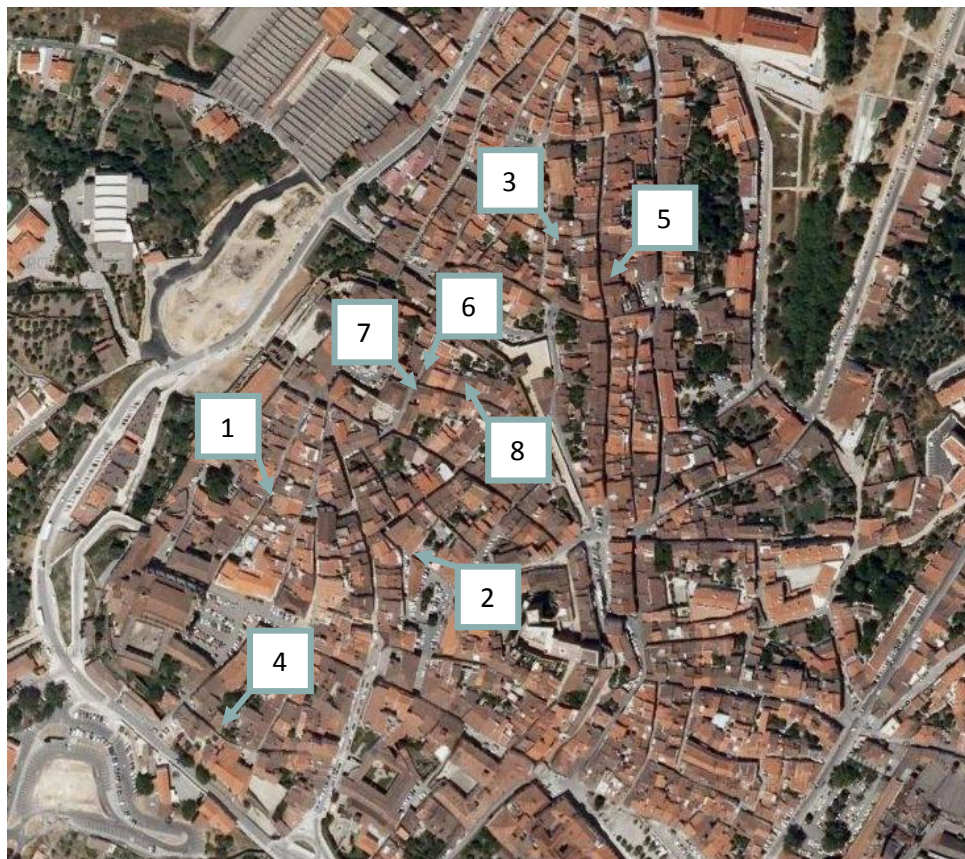


Figura. 40 – Identificação dos Imóveis reabilitados no âmbito do Programa PROHABITA [11]
(fonte da imagem: mapas. Sapo)

Legenda:

- | | |
|-----------------------------|-----------------------------|
| ① - Rua da Sé 69 | ⑤ - Rua da Mouraria 162 |
| ② - Rua do Comércio 58 60 | ⑥ - Rua Benvindo Ceia 12 |
| ③ - Rua do Forno 5 | ⑦ - Rua Benvindo Ceia 14 16 |
| ④ - Rua de S. Lourencinho 8 | ⑧ - Rua de S. Martinho 2 4 |

3. Atividades realizadas no decurso do estágio

3.1. Elaboração do Projeto de Reabilitação de um edifício do centro histórico

Integrada nas atividades a desenvolver durante o período de estágio, foi solicitada à estagiária a intervenção na elaboração do projeto de reabilitação de um edifício no âmbito do Programa PROHABITA, localizado junto de uma zona intervencionada pelo Programa Polis.

Nesta Capitulo caracteriza-se, sob o ponto de vista histórico e construtivo, o edifício que vai ser objeto de intervenção e apresentam-se as propostas de intervenção.

3.1.1. Caracterização de edifício existente

O edifício, a intervencionar, localiza-se no Beco da Rua da Figueira (Fig.41), bem situado em relação ao centro Histórico de Portalegre. A figura 42 identifica a delimitação do centro Histórico de Portalegre e a localização do edifício em estudo.



Figura. 41 – Beco da Rua da Figueira

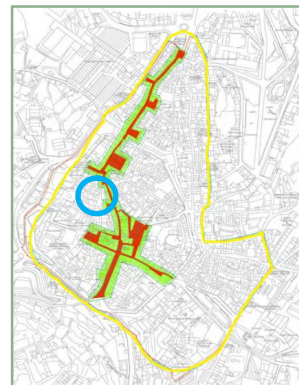


Figura. 42 – Delimitação do Centro Histórico de Portalegre

O edifício foi construído na primeira metade do séc. XVIII e encontra-se edificado sobre a muralha medieval.

Nos finais da idade Média, as muralhas que D. Dinis mandara edificar para proteção dos burgos perdem as suas funções defensivas e são aproveitadas, para fachadas. Esta era uma solução vulgar para a época.

Neste caso, a muralha da cidade foi utilizada como suporte da fachada posterior do edifício (Fig. 43). Na figura 44 pode observar-se o caminho da ronda, neste caso não foi absorvido pela construção visto se tratar do acesso à torre da muralha.



Figura. 43 – Fachada posterior, utilizando a muralha como parede de suporte



Figura. 44 – Caminho da ronda que permite o acesso à torre da muralha

O caminho da ronda é utilizado como apoio para o sobrado do 1º piso, crescendo por cima deste um outro piso que suportava, um sótão e a cobertura. Os pavimentos eram diferentes e encontravam-se nivelados com caminho da ronda.

Ligado ao edifício encontra-se a Torre de Vigia que faz o travamento do muro medieval e que oferece uma excelente vista sobre a cidade e a planície. O pano de muralha absorvido pelo edifício encontra-se praticamente intacto e prolonga-se contínuo até à Porta da Deveza (Fig.45 e Fig.46). [11]



Figura. 45 – Vista da Porta da Deveza, para quem soube a Rua do Comercio (fonte: Google)



Figura. 46 – Vista de Porta da Deveza, para quem desce a Rua do Comercio (fonte: Google)

O edifício, como anteriormente se referiu, data do início do século XVIII. Nessa altura o homem já disponha de técnicas para o manuseamento dos recursos disponíveis na natureza.

Os materiais utilizados na construção deste edifício foram: pedra, madeira, cal hidráulica, tijolo de burro, ladrilhos entre outros.

As paredes exteriores são construídas por pedras irregulares tentando que as faces mais regulares ficassem viradas para o exterior de forma a conferir uma verticalidade à parede. As pedras eram argamassadas com argamassas de cal, usando-se pedras mais pequenas para colmatar os vazios deixados pelas irregularidades das outras pedras de maiores dimensões (Fig.47). As paredes eram rebocadas com argamassa de cal hidráulica, produto muito abundante nesta zona do País.

As paredes interiores divisórias eram constituídas por tijolo de maciço e argamassa (Fig.48). As paredes- mestras apresentavam uma composição semelhante à das paredes exteriores.



Figura. 47 – Composição das paredes exteriores, em pedra e argamassa



Figura. 48 – Composição das paredes interiores, em tijolo de burro e argamassa

O pavimento do piso térreo assentava diretamente sobre o solo e era revestido por ladrilhos de barro.

A estrutura do pavimento dos pisos superiores e da cobertura era de madeira. Sobre o vigeamento de madeira do pavimento do piso superior, assentava um ripado de madeira que era revestido por ladrilhos de barro, estendendo-se por toda a habitação (Fig.49 e Fig.50). A cobertura era constituída por uma estrutura em madeira onde assentava um ripado também em madeira que servia de suporte para as telhas de canudo (Fig.51 e Fig.52).



Figura. 49 – Chão de ladrilho de barro



Figura. 50 – Estrutura de pavimento onde assenta o pavimento



Figura. 51 – Cobertura em telha canudo



Figura. 52 – Estrutura da cobertura em madeira

As paredes exteriores estavam rebocadas com argamassa de cal hidráulica, sendo posteriormente caiadas. Nesta zona do País, a caição, é uma técnica bastante utilizada devido aos benefícios que confere às habitações.

Os vãos exteriores são guarnecidos por blocos de granito cinza bujardado (Fig.53) e caixilharia de madeira (Fig.54). Este material, quando exposto ao meio ambiente sem qualquer tipo de proteção ou manutenção, degrada-se pelo que as caixilharias das janelas do R/C do edifício já tiveram que ser substituídas (Fig.55).



Figura. 53 – Vão em blocos de granito bujardado

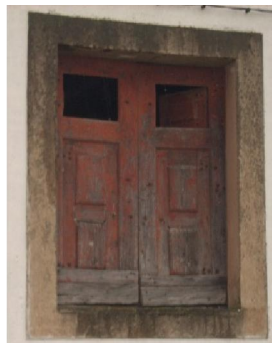


Figura. 54 – Caixilharia em madeira



Figura. 55 – Caixilharia em ferro

Dado o estado de degradação do edifício, dificilmente se poderá aproveitar algum elemento construtivo para além das fachadas.

3.1.2. Proposta de intervenção

Este edifício foi integrado no Programa PROHABITA, e o objetivo da intervenção é reconverte-lo em habitação social. Foi solicitado à estagiária a elaboração de uma proposta para a intervenção neste edifício, que permitisse a construção de três apartamentos: um T0, um T1 e um T2.

As figuras 56 e 57 representam o alçado principal do edifício. A primeira figura mostra o alçado principal (foto tirado no local da edificação). Na figura 57 representa-se o levantamento da fachada principal do edifício.



Figura. 56 – Alçado Principal



**Figura. 57 – Alçado Principal existente
(levantamento à escala 1/100)
(Planta da autoria do Arquiteto Gonçalo Alegre)**

A figura 58 apresenta o alçado direito do edifício, que se encontra voltado para o jardim Zen. Na figura 59 está esquematizado o mesmo alçado, podendo-se ver na íntegra, toda a fachada.



Figura. 58 – Alçado direito, focando a parte mais elevada da fachada



**Figura. 59 – Fachada do lado direito
(levantamento à escala 1/100)
(Planta da autoria do Arquiteto Gonçalo Alegre)**

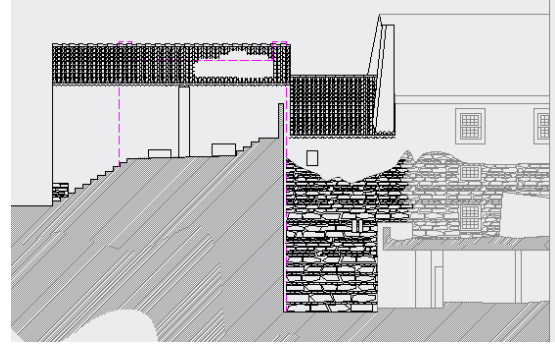
A figura 60 ilustra parte do alçado posterior do edifício em estudo. Como se pode observar esta parte do edifício está apoiada no acesso à torre da muralha ou “caminho da ronda”. Na figura 61 apresente-se a outra parte do alçado posterior. Ao contrário do que se mostra na figura anterior, esta zona da fachada desenvolveu-se a partir da muralha, integrando o “caminho da ronda”. A figura 62 representa esquematicamente o alçado posterior.



Figura. 60 – Parte do alçado posterior

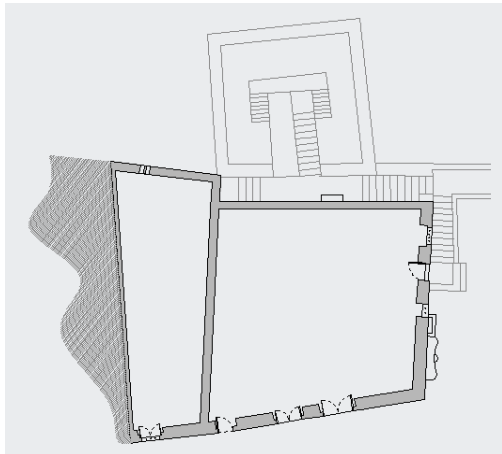


Figura. 61 – Outra parte do alçado posterior

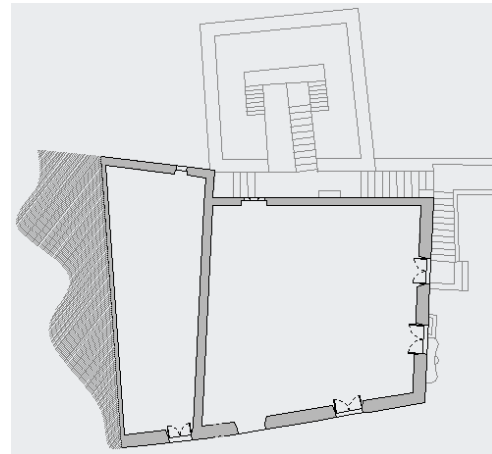


**Figura. 62 – Representação integral da fachada posterior – Escala 1/100
(Planta da autoria do Arquiteto Gonçalo Alegre)**

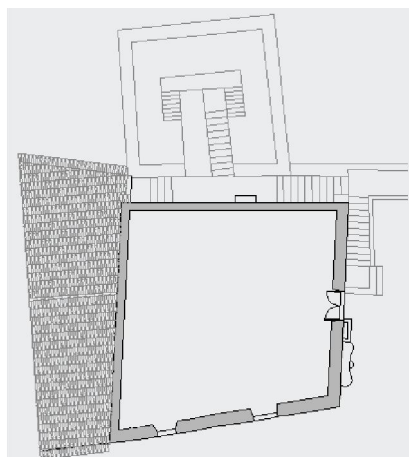
De acordo com medições e levantamentos realizados “in situ”, as plantas de arquitetura do edifício são idênticas às que se apresentam nas figuras seguintes:



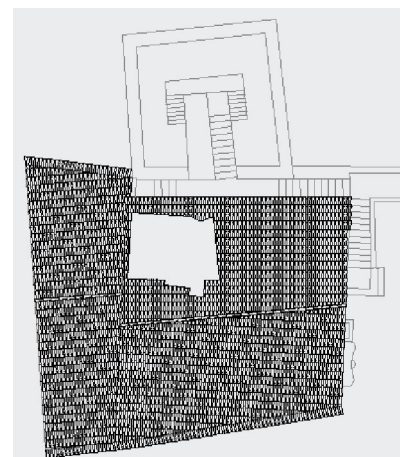
**Figura. 63 – Planta do Rés-do-chão
(Escala 1/100)**



**Figura. 64 – Planta do 1º Piso
(Escala 1/100)**



**Figura. 65 – Planta do 2º Piso
(Escala 1/100)**



**Figura. 66 – Planta da Cobertura
(Escala 1/100)**

Foram sugeridas as seguintes alterações:

- Uniformização da cêrcea do edifício.
- Alterando a altura do corpo mais baixo do edifício (Fig.67). Com esta alteração pretende-se o aumento de mais um piso nessa parte de modo a que todo o edifício fique com a mesma altura (Fig. 68). Será então possível abrir dois novos vãos, um na fachada principal e outro na fachada posterior.

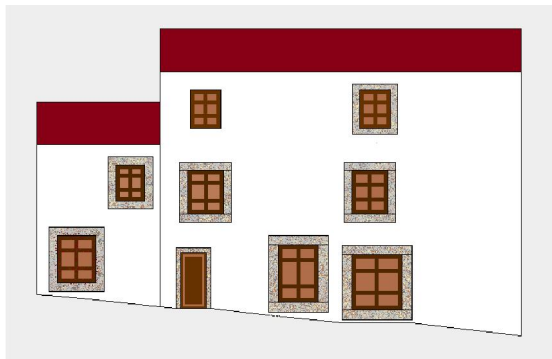


Figura. 67 – Alçado principal existente

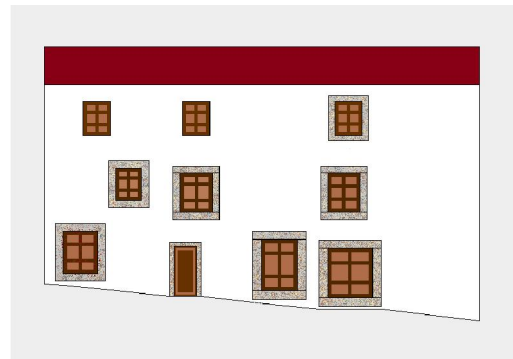


Figura. 68 – Alçado principal proposto

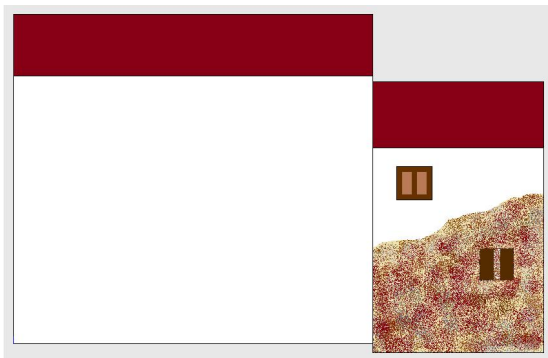


Figura. 69 – Alçado posterior existente

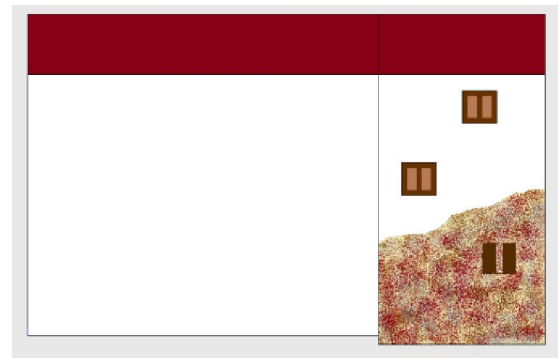


Figura. 70 – Alçado posterior proposto

- Fazer o acesso comum a todos os pisos (Fig. 74).
- Os pisos serão interligados através de escadas (Fig.75).

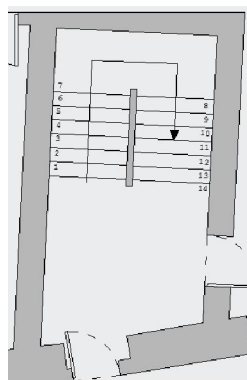


Figura. 71 – Hall de entrada comum a todos os pisos

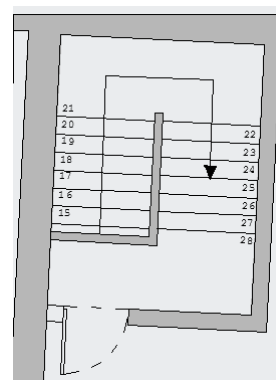


Figura. 72 – Escadas de acesso aos pisos superiores

- Relativamente à arquitetura, das plantas dos pisos apresentam-se as seguintes propostas, que eventualmente poderão sofrer alterações:

Planta do R/C:

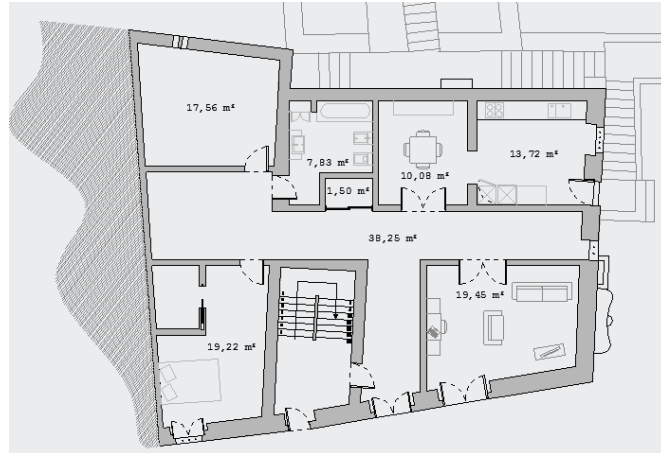


Figura. 73 - Planta de arquitetura do R/C

Na figura 73 apresenta-se uma habitação de tipologia T1 (Fig.76). A entrada para a habitação faz-se pelo lado direito do edifício. Esta é composta por sala, cozinha, zona de refeições, instalações sanitárias, um quarto e uma divisão para arrumos. Pretende-se a reabertura de uma porta de acesso à rua, que fora anteriormente tamponada por motivos segurança (Fig. 74).

A planta deste piso foi concebida para que esta moradia possa ser habitada por pessoas idosas ou pessoas com mobilidade condicionada.

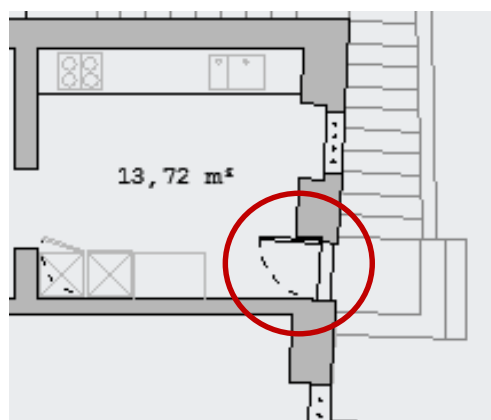


Figura. 74 – Reabertura do vão

Planta do Piso 1:

Em relação ao Piso 1, pretende-se transformá-lo numa habitação de tipologia T2. Esta é composta por sala, cozinha, zona de refeições, instalações sanitárias, escritório e dois quartos. A figura 75 apresenta uma proposta da planta de arquitetura do piso 1. O acesso à moradia deste piso é feito através de uma escada, comum aos 2 pisos existentes no edifício. Pretende-se a reabertura de um vão pré existente, no alçado posterior, mas que foi tamponado (Fig.76).

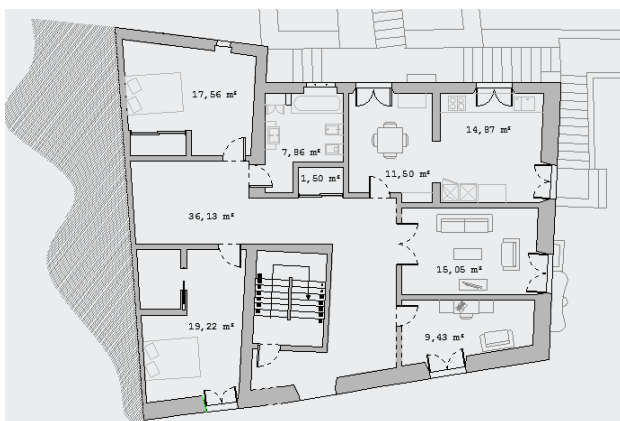


Figura. 75 – Planta de arquitetura do Piso 1

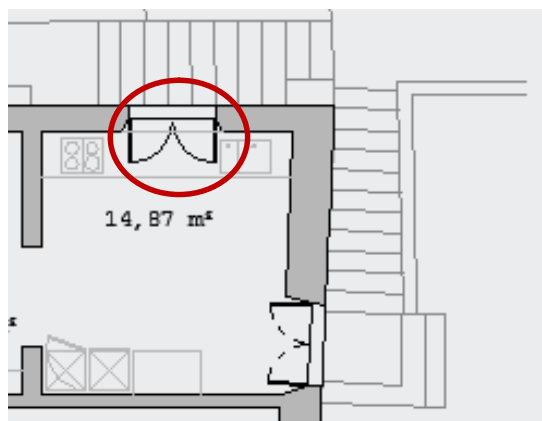


Figura. 76 – Identificação da localização do vão que se pretende reabrir

Planta do Piso 2:

Na Proposta 1, apresenta-se uma habitação de tipologia T3 (Fig.77). A planta deste piso tem uma arquitetura igual, à proposta para o Piso1. O acesso ao piso é feito por uma escada comum a todo o edifício.

Esta proposta fica condicionada ao facto de se poder ou não modificar a altura do edifício para que tenha todo a mesma cêrcea.

No caso da proposta da alteração do corpo do edifício não ser aceite, propõe-se a planta de arquitetura apresentada na Figura 78.

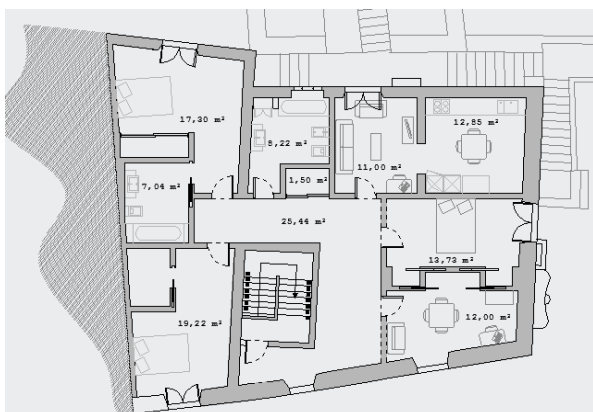


Figura. 77 – Proposta 1 para a planta de arquitetura do Piso 2

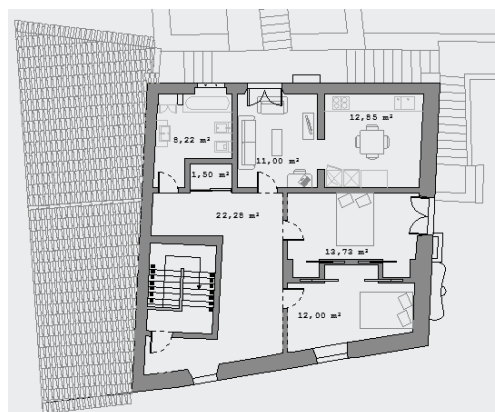


Figura. 78 – Proposta 2 para a planta de arquitetura do Piso 2

Na Proposta 2 considera-se uma habitação de tipologia T2. O acesso ao piso é feito de maneira idêntica à descrita para a Proposta 1.

Em ambas as propostas pretende-se a reabertura de dois vãos – janelas/arejadores – que foram anteriormente tamponados por questões de segurança (Fig.79).

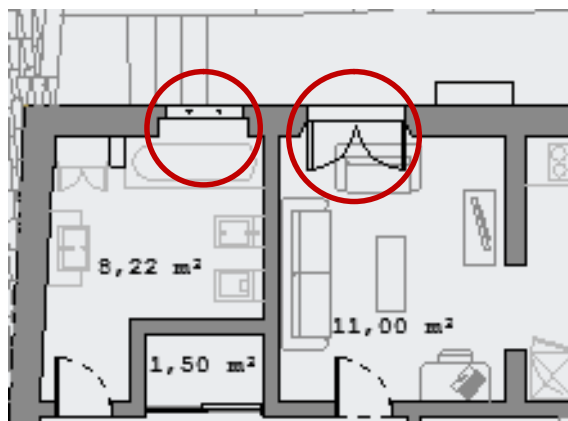


Figura. 79 – Identificação e localização dos vãos que se pretendem reabrir

4. Intervenções a cargo da C.M. Portalegre

Durante o período de estágio na Câmara Municipal de Portalegre a estagiária realizou várias visitas a obras, a locais onde se irão realizar intervenções de reabilitação e/ou vistorias e a obras já realizadas.

Neste Capítulo descrevem-se as visitas realizadas, apresentam-se algumas propostas de intervenção e menciona-se o estado de conservação em que se encontram os edifícios vistoriados. Refere-se também a colaboração da estagiária nestes trabalhos.

4.1. Casa Poeta José Régio

A casa Poeta José Régio em Portalegre foi instalada naquela que foi a habitação de José Régio durante 34anos.

Data dos finais do século XVII terá sido um anexo do Convento de São Brás, do qual ainda existem alguns vestígios, nomeadamente da capela. Também serviu como quartel-general aquando das guerras peninsulares e muito mais tarde foi transformado em pensão.



Figura. 80 – Casa Poeta José Régio

No dia 18 de Dezembro de 2012, foi realizada uma visita à Casa Poeta José Régio para a elaboração de uma proposta de orçamento para a execução de um projeto de reabilitação para o edifício. A visita teve com objetivos principais a identificação de anomalias existentes no edifício e a verificação da possibilidade de melhorar a acessibilidade ao edifício através de rampas de acesso e de plataformas elevatórias.

Como se referiu um dos aspetos a revolver prende-se com a acessibilidade ao edifício (Fig.81). O edifício está implantado a uma cota superior à dos arruamentos (Fig. 82), existindo uma rampa de acesso provisório me terra batida que está em mau estado (Fig.83).



Figura. 81 – Uma das entradas para o museu



Figura. 82 – Diferença de alturas entre a entrada (portão) e a zona exterior



Figura. 83 – Entrada para o museu dificultada pelo desnível e condições do terreno

Foi proposta a criação de uma rampa para vencer este desnível. A rampa desenvolver-se-á de acordo com o trajeto que se ilustra na Figura 88. Como se trata de solo rochoso, a rampa irá assentar sobre o mesmo. (O projeto de execução da rampa será apresentado no ponto 4.1.1.)



Figura. 84 – Percursos de Ligação à Casa Poeta José Régio (fonte: Google Earth)

Legenda:

- ①- Percurso existente de acesso Museu através de escadas;
- ② - Percurso proposto para a criação de uma rampa.

Verificou-se o estado de degradação da porta exterior e a falta de um corta-vento em vidro para criar uma zona de conforto, quando o museu se encontra aberto (Fig.85 e Fig.86).



Figura. 85 – Porta de acesso ao museu



Figura. 86 – Pormenor do puxador da porta

Como se trata de uma porta de madeira exposta ao meio ambiente, manifesta diversas anomalias, como inchamento, fendas longitudinais, desenvolvimento de fungos/insetos e ataques de xilófagos relacionados sobretudo com a humidade de precipitação [12]. A base da porta encontra-se deteriorada e são visíveis manchas brancas provocadas pelo aparecimento de fungos. No inverno esta porta tende a aumentar de volume o que causa problemas na sua abertura.

Foi proposto o restauro da porta recorrendo a técnicas tradicionais, como manutenção corrente, reparação ligeira e substituição dos elementos degradados.

No decorrer da visita outra dificuldade identificada diz respeito à mobilidade de pessoas com mobilidade condicionada no interior do edifício. Como se trata de um edifício antigo existem vários degraus para acesso às diversas divisões e não existem elevadores para aceder ao piso superior.

Uma solução proposta para eliminar os degraus existentes foi a criação de rampas amovíveis. Para resolver a inexistência de acessibilidade a pessoas com mobilidade condicionada ao piso superior, foi proposta a criação de uma plataforma elevatória num pátio exterior (Fig.87).



Figura. 87 – Zona onde se pretende criar uma plataforma elevatória de acesso ao 2º piso

Outra irregularidade verificada prende-se com a falta de instalações sanitárias adequadas. Propôs-se a construção de novas instalações sanitárias num pátio interior numa zona que atualmente serve de arrumos.

Neste edifício a humidade é uma das causas das anomalias que mais se pode observar, nas paredes, no pavimento e no teto (Fig.88).



Figura. 88 – Humidade no pavimento térreo

Noutro pátio interior, foram observadas várias anomalias. Nesse pátio existe uma árvore que está a causar alguns problemas. Devido à acumulação de folhas nas caleiras e no dreno da varanda, quando chove, há retenção de água que não sendo devidamente drenada, infiltra-se no edifício (Fig.89). Verifica-se também a irregularidade no revestimento cerâmico do piso térreo do pátio que se encontra levantado em quase toda a sua extensão, em parte devido à proliferação das raízes dessa árvore (Fig.90).



Figura. 89 – Árvore localizada junto ao edifício



Figura. 90 – Pavimento do pátio interior

A cobertura é um ponto crítico para a entrada das águas pluviais nos edifícios, e consequentemente, para o aparecimento de humidade no seu interior. A cobertura deste edifício apresenta elevado estado de degradação. Pode-se observar o abaulamento do telhado devido à deformação da estrutura de suporte de madeira que se encontra bastante danificada (Fig.91). Na

Figura 92 pode-se observar e em pormenor os canais, por onde deveriam escorrer as águas pluviais, entupidos por lixos e colonizações biológicas. O assentamento das telhas foi executado com bastante argamassa que sendo um material poroso, absorve humidade e leva mais tempo a secar que o material cerâmico. Consequentemente os elementos de madeira ficam mais tempo humedecidos o que favorece a sua degradação. Para além disso, o assentamento das telhas com argamassa introduz sobrecargas na estrutura de suporte conduzindo a maiores deformações por fluência ao longo do tempo.



Figura. 91 – Abaulamento do telhado



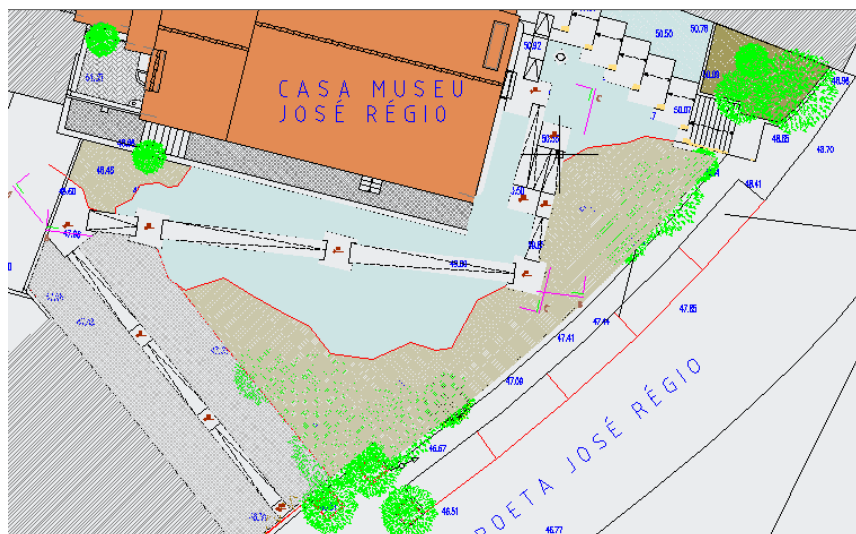
Figura. 92 – Pormenor da colocação das telhas

Face à degradação da cobertura foi proposta a remoção integral do revestimento cerâmico de toda a cobertura, a remoção dos elementos da estrutura de suporte que se encontrem degradados e a sua substituição por elementos de madeira com características idênticas às dos existentes.

4.1.1. Requalificação da Acessibilidade e Mobilidade interna da Casa Poeta José Régio

Durante o período de estágio foi solicitado a colaboração no projeto de execução para a Requalificação de Acessibilidade e Mobilidade à Casa Poeta José Régio. Ficou a cargo da estagiária a elaboração do Mapa de Quantidades e Mapa de Orçamento, a indicação dos materiais a utilizar na construção da rampa de acesso (todo os materiais indicados foram previamente discutidos com o Arquiteto responsável pelo projeto).

A figura seguinte mostra o traçado previsto para a rampa de acesso. Esta rampa é constituída por zonas inclinadas e patamares de descanso.



**Figura. 93 – Traçado da rampa de acesso à Casa Poeta José Régio
(planta da autoria do Arquiteto Hugo Espanhol)**

A rampa foi dividida por troços dada à existência dos vários tipos de solos encontrados no local (solo terroso e solo rochoso). A escolha dos materiais utilizados teve em conta este tipo de terreno bem como o declive do mesmo.

O primeiro troço de terreno encontrava-se calcetado com pedra irregular (Fig. 95). Para se proceder ao assentamento da rampa remover-se-á a calçada de modo a abrir um corredor no empedrado. De seguida essa zona será escavada para a colocação de uma camada de material de regularização. Serão colocados no pavimento entre a calçada existente e nova rampa em construção, perfis guias metálicos devidamente galvanizados. Por último será colocada uma rede eletrosoldada e uma camada final de betão leve devidamente esquadrelada.



Figura. 94 – Primeiro Troço



Figura. 95 – Calçada de pedra irregular

No segundo troço existe uma camada de solo e rocha coberta por vegetação. Na primeira metade deste troço o procedimento para a construção da rampa é igual ao referido para o primeiro troço. Em relação à segunda metade deste troço, como a base é constituída por rocha, aproveitar-se-á a rocha existente como camada de assentamento da rampa em toda essa extensão. Será colocada uma cofragem para colocação de uma camada final de betão.



Figura. 96 – Segundo Troço

O terceiro troço será implantado sobre solo rochoso, pelo que o procedimento para a sua execução será semelhante ao apresentado para o segundo troço. Devido à diferença de cotas entre a rampa e o arruamento foi colocado um corrimão duplo em estrutura metálica (barras de secção retangular) devidamente metalizadas e pintadas.



Figura. 97 – Terceiro troço



Figura. 98 – Diferenças de cotas entre a estrada e a rampa

O quarto e último troço desta rampa de acesso, utilizará como camada de base os degraus já existente à entrada do Museu. Foi aplicado betão leve na execução de uma plataforma de descanso e na zona inclinada da rampa.



Figura. 99 - Quarto Troço

4.2. Museu das Tapeçarias de Portalegre

Inaugurado em Julho de 2001, o Museu das Tapeçarias de Portalegre está instalado no Palácio Castelo Branco, edifício recuperado pelo arquiteto Fernando Sequeira Mendes. O museu dedica-se à apresentação, conservação e estudo das Tapeçarias de Portalegre, peças nobres do património artístico nacional (Fig.100).



Figura. 100 - Museu das Tapeçarias de Portalegre

No dia 19 de Dezembro de 2012, realizou-se uma visita ao Museu das Tapeçarias com o objetivo de elaboração de um projeto de requalificação de uma cobertura acessível em terraço ajardinado.

A cobertura do edifício caracteriza-se por três patamares desnivelados separados por muros e entre ligados por escadas (Fig.101 e Fig.103). Esta zona fez parte do alargamento do museu quando as obras do Polis. O alçado posterior, desta zona do Museu, está assente na muralha medieval e a cobertura assenta nas fortificações seiscentista (Fig.104 e Fig.106).



Figura. 101 - Visualização dos três patamares da cobertura



Figura. 102 - Primeiro patamar da cobertura



Figura. 103 - Segundo e terceiro patamar e da cobertura



Figura. 104 - Muralha medieval



Figura. 105 - Utilização da muralha medieval como estrutura de suporte ao alçado posterior



Figura. 106 - Fortificações de Seiscentos

Devido a problemas com a deficiente drenagem de águas pluviais, a zona ajardinada da cobertura teve que ser retirada.

No decurso da visita foram identificadas as seguintes anomalias como:

- Deficiente execução de acabamentos (Fig.107);
- Deficiente funcionamento dos orifícios de drenagem existentes;
- Acumulação de lixo/resíduos resultantes das obras (Fig. 108);
- Falta de remates/acabamentos (Fig.109);
- Deficiente colocação dos elementos de drenagem de água pluviais (Fig.110);
- Inclinação insuficiente da cobertura o que provoca a acumulação de água.



Figura. 107 - Acabamentos mal executados



Figura. 108 - Acumulação de resíduos de construção



Figura. 109 - Falta de remates / acabamentos



Figura. 110 - Deficiente colocação dos elementos de drenagem e da inclinação da cobertura

A solução proposta para a requalificação desta cobertura foi a criação de um jardim, com um percurso pedonal sobre lajetas de mosaico, arvoredo de pequeno porte e a colocação pontual de algumas plantas. Na Figura 111 ilustra a disposição dos elementos referidos. Este espaço está a ser criado com o intuito de poder ser visitado por quem vá ao museu e para servir de panorâmica às para as janelas do auditório, bem como para todas as outras janelas desse alçado.

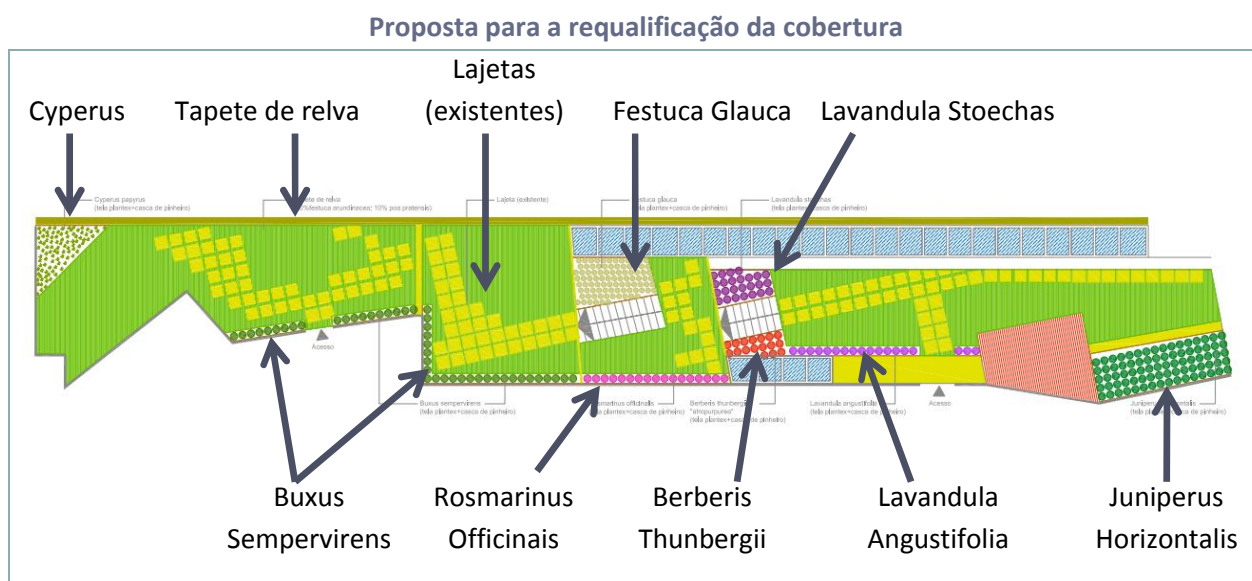


Figura. 111 - Proposta de requalificação da parte ajardinada da cobertura

4.3 Espaço Robinson

Historicamente podem-se encontrar, desde o ano de 1835, registos escritos de uma transformadora de cortiça na cidade de Portalegre. Segundo esses registos, nessa data existia uma pequena fábrica de cortiça era explorada pelos Reynolds, uma família inglesa.

Em 1848, o inglês George Robinson instala-se com a família em Portalegre. Neste mesmo ano, adquire os direitos de exploração da corticeira instalada no extinto Convento de São Francisco (Fig.112).



Figura. 112 - Convento de São Francisco - Fabrika Robinson [13]

O empresário inglês introduz um novo conceito de industrialização, instalando nova tecnologia e nova maquinaria, nunca antes vista no sector da cortiça. Esta pequena fabrica, transforma-se rapidamente num importante centro corticeiro.

Mas é George Robinson, filho, que revoluciona a história da fábrica da cortiça de Portalegre. Introduzindo profundas alterações tecnológicas, como a máquina a vapor, gerador elétrico, novos métodos de corte e brocagem de rolhas, melhorando assim a produtividade.

Em 1900, a “Fabrica da Rolha” empregava mais de 600 trabalhadores.

Com a 2ª Guerra Mundial e a postura indiferente do Governo de Salazar a fabrica passa por anos difíceis, chegando mesmo a encerrar as portas. Em 1942, os herdeiros de Robinson vêm-se obrigados a desfazerem-se da fábrica.

Um grupo de portugueses adquire os direitos da fabrica que respeitosamente mantem a denominação de origem. Passados 10 anos, a antiga “Fábrica da Rolha” recupera a sua vitalidade produtiva. Nos anos 40 inicia a produção de aglomerados puros (aglomerado negro). Os anos 60 e 70 são um período dourado para a atividade da fábrica.

Com a chegada dos anos 80, foram anunciadas mudanças estruturais, que não aconteceram com a profundidade esperada. A década de 90 veio mostrar que a antiga forma de produzir teria que ser acompanhada por um espaço comercial no universo dos produtos corticeiros. Assim se viabilizaria a continuidade da atividade da Fabrika Robinson numa nova unidade implantada na zona industrial de Portalegre (Fig.113).



Figura. 113 - Fabrika Robinson (Fonte: Google)

Para trás ficaram mais de 160 anos de história da corticeira, a preservar sob o ponto de vista social e arqueológico-industrial. Neste emblemático Espaço Robinson, nasce a Fundação Robinson, um espaço multidisciplinar, direcionado para a pesquisa histórica e científica, cultura e lazer [14].

No dia 9 de Janeiro de 2013, efetuou-se uma vistoria ao Espaço Robinson com o objetivo de analisar o estado de conservação em que se encontram os edifícios do Espaço Robinson (Fig.114).

Nesta primeira análise concluiu-se a degradação dos edifícios é mais acentuada no seu interior do que no exterior. Os principais problemas que este espaço apresenta devem-se à falta de manutenção regular e adequada e à excessiva presença de humidade.

Antigamente este espaço (1) fazia parte dos armazéns da Fabrica Robinson e servia para o armazenamento de cortiça.

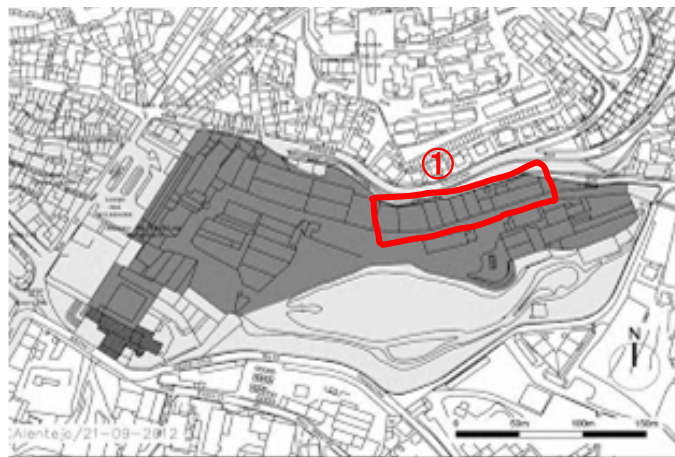


Figura. 114 - Definição do Espaço Robinson (fonte: Google)

Os edifícios sofreram obras de reabilitação e devido a falta de verbas, não foram executados os acabamentos finais.

Além das obras de reabilitação que os armazéns sofreram, foi também efetuada a contenção e estabilização de um muro de suporte (Fig.115 e Fig.11).



Figura. 115 - Estabilização do muro, aparecimento de vegetação rasteira

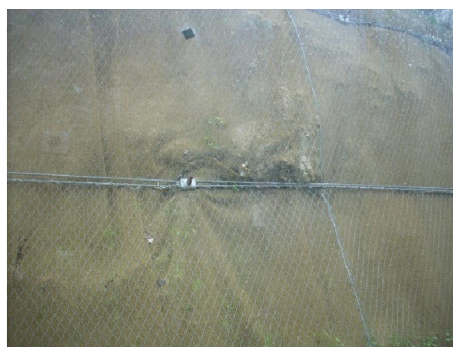


Figura. 116 - Contenção em funcionamento, empolamento nos materiais de contenção



Figura. 117 - Observação da malha de ancoragens e de muro estável

Devido ao facto do espaço se encontrar fechado e de não ter uma manutenção regular foram encontradas diversas anomalias durante a vistoria. As principais anomalias detetadas foram provocadas por infiltrações de águas (Fig.118, Fig.119 e Fig.120).



Figura. 118 - Empolamento e descasque da pintura no teto



Figura. 119 - Descasque e aparecimento de caruncho na parede e teto junto à janela

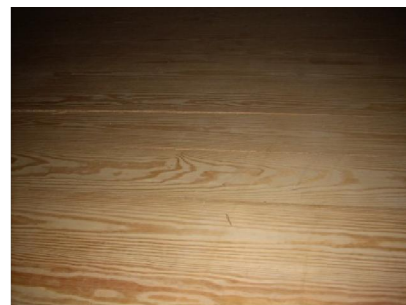





Figura. 120 - Problemas com a infiltração de água (pavimento de madeira).

A degradação observada (Fig.119) estende-se a toda a parede. O pavimento (Fig.120) durante o tempo em que decorreu a obra empolou todo tendo que ser reparado. Atualmente, o pavimento encontra-se estável não apresentando anomalias, mas denotam-se as reparações que foram feitas.

A tabela seguinte resume as principais anomalias observadas no edifício, para as quais se faz uma breve descrição, apontam-se as causas prováveis e apresenta-se o registo fotográfico.

Tabela 2 - Descrição das principais anomalias observadas no Espaço Robinson

Anomalias	Descrição	Causa Aparente	Registo Fotográfico
Infiltração em zona corrente	Verifica-se o empolamento e descasque da pintura em quase toda a sua extensão no revestimento do teto de um corredor com acesso ao exterior.	→ Esta anomalia está associada à degradação do revestimento das coberturas devido à humidade resultante de deficiências de escoamento de águas pluviais.	
Infiltração localizada	Manchas de humidade e descasque da pintura com aparecimento de bolores na parede e no teto junto à janela localizada no corredor.	→ Esta anomalia é devida à deterioração da vedação das juntas, à ineficácia ou inexistência de elementos de proteção.	
Humidade de Construção	O pavimento de madeira de um dos auditórios durante o decorrer da obra empolou devido ao excesso de humidade, tendo sido posteriormente reparado.	→ Este tipo de anomalia está associado ao excesso de humidade existente no pavimento e ao fato de a madeira aplicada não ter o teor de humidade adequado ao local onde foi colocada.	

4.4. Convento de São Francisco

Construído entre 1228-1266 [15], o Convento de São Francisco, situa-se a meia encosta de Portalegre fora das muralhas que Dom Dinis mandou edificar. É uma das construções mais antigas da cidade de Portalegre (Fig. 121).



Figura. 121 - Convento de São Francisco, século XIX [16]

Apesar da importância histórica neste edifício para a cidade de Portalegre, pouco se sabe sobre seu passado.

Edificado pela ordem dos Franciscanos, que foi a primeira ordem coletiva a instalar-se na cidade, apoiavam os pobres e enfermos tornando-se um pólo de atração para estes, não sendo no entanto bem vistos pela população. Por este motivo a edificação deste convento foi estabelecida fora das muralhas de Dom Dinis - limites urbanos daquela época (Fig. 122), a centenas de metros desta cerca urbana mesmo enfrente à Porta de Alegrete.

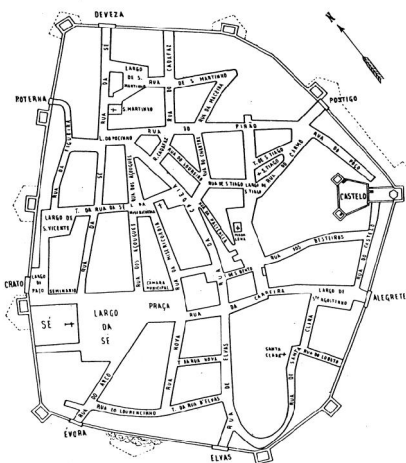


Figura. 122 - Limites da Cidade no início do século XIII [14]



Figura. 123 - Convento de São Francisco e da Porta de Alegrete (fonte: Sapo Mapas)

Legenda:

- ① - Convento de São Francisco
- ② - Porta de Alegrete

Em 1711, fizeram-se pequenas obras de melhoramento no convento, mas foi em 1720 que aconteceram as maiores remodelações, entre as quais estão as obras de melhoramento do dormitório [17].

Entre os anos de 1798 e 1834 as Ordens Religiosas são extintas e os seus bens são nacionalizados. Ao fim de seis séculos de funcionamento o convento de São Francisco é extinto, passando a ser propriedade do Estado.

Com a extinção da Ordem dos Franciscanos, foi instalado um quartel no convento. Em 1848, George Robinson arrenda ao Estado parte das instalações do convento, acabando por adquirir essas instalações, em hasta pública, 20anos depois.

No século XIX, o Convento de São Francisco teve variadas utilizações. Além de quartel e fábrica, durante os anos 80 e 90 foi anexo do Liceu Nacional de Portalegre e instalações do Arquivo Distrital de Portalegre. Atualmente as suas instalações albergam a CERCI e zonas habitacionais. [18]

Em 1967, o Convento de S. Francisco é considerado “Imóvel de Interesse Publico”.

De acordo com a Portaria n.º740-DX/2012 de 24 de Dezembro de 2012 (anexo D), o conjunto formado pelo Convento e Igreja de São Francisco e Fabrica Robinson recebeu a classificação de Conjunto de Interesse Publico (CIP), tendo sido fixada uma zona especial de proteção (ZEP) [18].



Figura. 124 - Parte da atual fachada do convento de São Francisco

No dia 11 de Fevereiro de 2013, realizou-se uma visita ao Convento de São Francisco com o objetivo de se elaborar um programa preliminar para a sua requalificação. Durante essa visita fez-se uma inspeção visual ao estado de conservação do edifício, esclarecendo-se também algumas dúvidas em relação às plantas do edifício que tinham sido fornecidas. Fez-se o levantamento fotográfico dos pontos problemáticos da estrutura e de varias anomalias e fez-se também um levantamento dimensional nomeadamente, da espessura das paredes e dos pés direitos.

Nesta primeira análise concluiu-se que os principais problemas que o edifício apresenta são a falta de manutenção regular e adequada, a presença de humidade em quase todas as divisões visitadas, escorrência de água no interior do edifício e fissuração em alguns tetos e paredes que provocam a queda de reboco.

As figuras seguintes apresentam alguns exemplos resultantes da de falta de manutenção adequada:



Figura. 125 - Fachada principal



Figura. 126 - Interior do convento, zona dos claustros



Figura. 127 - Porta da entrada principal

As figuras 128 a 132, evidenciam a presença de humidade e escorrência de água nas paredes e tetos do edifício.



Figura. 128 - Presença de humidade ascensional, em paredes do piso térreo



Figura. 129 - Presença de humidade por infiltrações nos tetos



Figura. 130 - Zona onde existe acumulação e escorrência de água



Figura. 131 - Pormenor da zona afetada

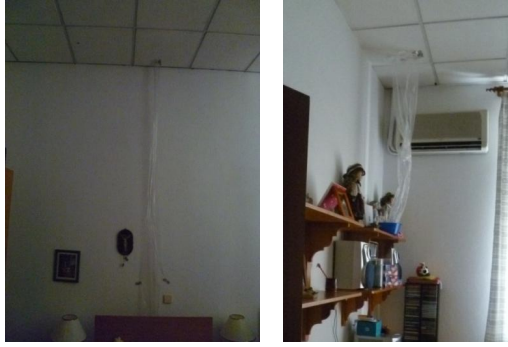


Figura. 132 - Problemas de escorrência de água nas habitações

As figuras 133 e 134, ilustram algumas fissuras existentes no teto, bem como o destacamento do revestimento em tetos e paredes.



Figura. 133 - Fissuração do teto



Figura. 134 - Queda de reboco



No decurso da visita ao convento, por informação verbal, teve-se conhecimento de que o surgimento e desenvolvimento das fissuras ocorreu quando da execução das obras do parque de estacionamento que se localiza mesmo em frente à instituição - Parque de Estacionamento de São Francisco (Fig.135).



Figura. 135 - Parque de Estacionamento de São Francisco (fonte: Google)

Relativamente ao programa preliminar de requalificação do Convento de São Francisco, ficou a cargo da estagiária a elaboração do Mapa de Medições e Mapa de Orçamento. Para apoio à realização desta tarefa foi facultado o Projeto “CERCI - Portalegre” (Mapa de Medições, Mapa de Orçamento e Plantas), o Mapa de Quantidades referente ao Projeto do “Museu Municipal de Portalegre” e o Projeto “Recuperação e Adaptação das Estruturas Arquitetónicas da Igreja de São Francisco a Espaço Cultural – Fundação Robinson” (Mapa de Quantidades e Mapa de Orçamento).

No Mapa de Medições e no Mapa de Orçamento, a estagiária preparou e mediu os seguintes artigos:

- | | |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">- Artigo 1 – Estaleiro- Artigo 2 – Demolições / Remoção- Artigo 3 – Betão- Artigo 4 – Paredes- Artigo 5 – Escadas / Rampas- Artigo 6 – Revestimento de Paredes- Artigo 7 – Pavimento- Artigo 8 – Rodapés e Remates de Pavimentos- Artigo 9 – Cobertura- Artigo 10 – Revestimento de Tetos- Artigo 11 – Vãos | <ul style="list-style-type: none">- Artigo 12 – Pinturas- Artigo 13 – Equipamentos Sanitários- Artigo 14 – Cozinha / Refeitório- Artigo 15 – Rede Predial de Águas Residuais Domesticas- Artigo 16 – Rede de Distribuição de Aguas Prediais- Artigo 17 – Rede Predial de Drenagem de Águas Pluviais- Artigo 18 – Diversos- Artigo 19 – Arranjos Exteriores |
|---|---|

Os restantes artigos ficaram a cargo do Engenheiro Luís Carvalho.


Em anexo (Anexo D) são apresentadas as plantas de requalificação para o Convento de São Francisco, elaboradas pelo Arquiteto Hugo Espanhol (Anexo D.1). Nesse anexo constam as plantas do piso 0 e do piso 1, com as alterações propostas para o programa preliminar. Apresenta-se também o Mapa Orçamental (Anexo D.2) e o Mapa de Medições (Anexo D.3).





Foi também elaborado pela estagiária, o levantamento das principais anomalias mais existentes no edifício, anteriormente referenciadas.

Neste estudo consta a descrição da anomalia, a identificação das causas mais prováveis e as propostas de reparação para uma delas (Anexo D.4).

A tabela seguinte resume as principais anomalias, para as quais se faz uma breve descrição e o registo fotográfico.

Tabela 3. Descrição das Anomalias de São Francisco [19] e [20]

Anomalias	Descrição	Causa Aparente	Registo Fotográfico
Humidade Ascensional	A parede que se localiza na escadaria de acesso às salas de aulas, apresenta manchas de humidade, eflorescência já com descasque da pintura e zonas com colonização biológica.	→ A principal causa do aparecimento deste tipo de humidade, neste local é a possível existencia de um poço ou cisterba por baixo do edifício.	

<p>Humidade por infiltração de água</p>	<p>No piso 1 o tecto da salas de aulas apresenta manchas escuras junto à parede e ao vão da janela. Esta coloração deve-se ao desenvolvimento de fungos e bolores. Nesta zona atingiu-se uma situação limite em que se pode observar escorrência de água na parede.</p>	<p>→ Esta anomalia deve-se à infiltração de água das chuvas pela cobertura ou pela parede de fachada (fissuração, destacamento ou desagregação do revestimento)</p>	
<p>Humidade por infiltração de água em zonas pontuais</p>	<p>O teto do piso 1 apresenta manchas de cor escura junto à parede e manchas ligeiramente mais claras à medida que nos vamos afastando da parede, como mostra a figura.</p>	<p>→ Esta Anomalia deve-se à infiltração de água das chuvas através da cobertura ou paredes de fachada (arestas, pontos de fixação, juntas de dilatação). → Outra possível causa pode ser a fixação de tectos de queda que permitam a entrada de água.</p>	
<p>Fungos e Bolores</p>	<p>Desenvolvimento e alastramento de bolor por toda a superfície do teto da abobada na zona da cozinha/ refeitório.</p>	<p>→ As possíveis causas para o aparecimento desta anomalia são: constante teor de humidade elevado, temperaturas amenas e fraca ventilação.</p>	
<p>Fissuração longitudinal</p>	<p>Existem fissuras que se desenvolvem longitudinalmente ao longo do teto abobadado numa zona de circulação do edifício.</p>	<p>→ Uma das possíveis causas para o aparecimento de fissuras é o assentamento das fundações da estrutura. → Outra causa possível pode estar relacionada com a sobrecarga da abóbada.</p>	

4.5. ARH Tejo – Administração Regional Hidrográfica do Tejo

A Administração Regional Hidrográfica do Tejo, ARH Tejo, criada em 2005 ao abrigo da Lei nº 58/2955 de 29 de Dezembro (Lei da Água), tem por missão “... **proteger e valorizar as componentes ambientais das águas, bem como proceder à gestão sustentável dos recursos hídricos no âmbito das respetivas circunscrições territoriais de atuação.**” (Ponto 1 do Artigo 3º do Decreto Lei nº 208/2007 de 9 de Maio).

No dia 7 de Março de 2013, foi solicitado à estagiária um projeto para a execução de uma rampa em perfis metálicos. Esta rampa tem como função resolver a inexistência de acesso ao edifício a pessoas com modalidade condicionada. Presentemente o único acesso ao edifício é feito através de escadas, que ocupam grande parte do passeio como se pode observar na figura 136.



Figura. 136 - Acesso à Administração Regional Hidrográfica do Tejo

Para resolver o problema do acesso ao edifício, propôs-se a execução uma rampa metálica no alçado posterior do edifício, uma vez que na entrada principal não é possível a implantação de uma rampa em virtude da falta de espaço entre o edifício e a via pública (Fig.137 e Fig. 138).



Figura. 137 - Zona onde se irá colocar a rampa metálica



Figura. 138 - Acesso à instituição

Nas figuras 139 e 140, encontra-se esquematizado o alçado tardo do edifício, onde se pode ver o alçado existente e o alçado com a introdução da estrutura metálica proposta.

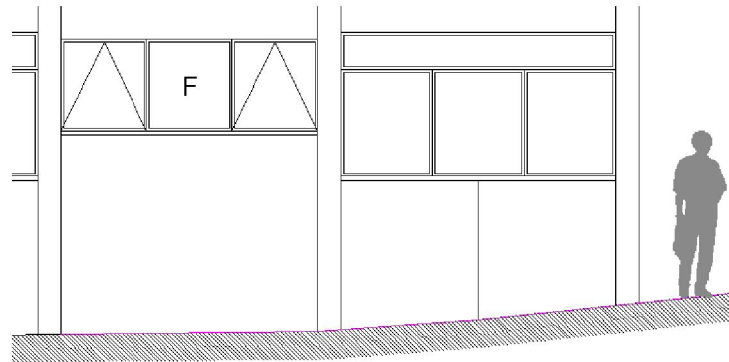


Figura. 139 - Alçado existente

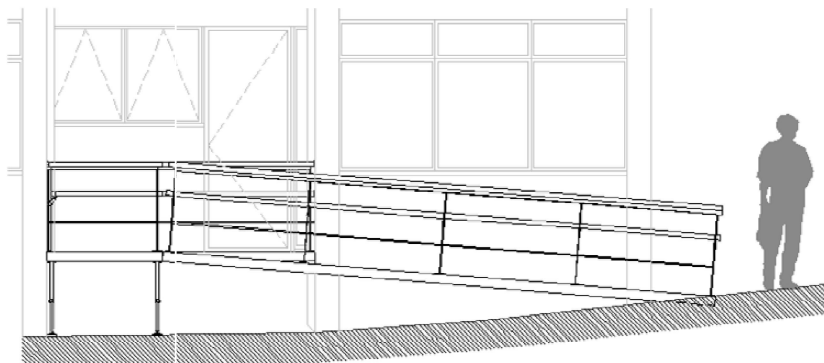


Figura. 140 - Alçado com a introdução da rampa de acesso proposta

Para a fixação e construção desta estrutura metálica é necessário demolir parte da parede e posteriormente proceder à sua reconstrução com alvenaria de tijolo para a criação de um novo acesso.

Como se referiu, a rampa vai ser construída em estrutura metálica, sendo o respetivo pavimento em chapa metálica tipo favo, levará um corrimão triplo e os apoios de suporte serão ajustáveis de acordo com a inclinação do terreno e com a altura a que a plataforma se encontra.

Prevê-se também a colocação de uma porta em alumínio com fechadura e equipada com barra anti-pânico. As janelas existentes serão substituídas por janelas em alumínio.

Em anexo encontra-se todo o projeto desta rampa, Peças escritas (Memoria descritiva) e Peças Desenhadas. Encontram-se também, em anexo, tabelas com as dimensões de todos os elementos utilizados na conceção desta rampa de acesso [21].

4.6. Castelo de Portalegre

Localizada no ponto mais alto do castelo, a Torre de Menagem, edificada há mais de oito séculos ainda domina a cidade de Portalegre. (Fig.141) [1]



Figura. 141 - Torre de Menagem antes da intervenção do Programa Polis (fonte: Google)

Apesar de não haver grandes referências históricas sobre a construção do castelo de Portalegre e das suas muralhas, pensa-se que foi durante o reinado de D. Dinis que se procedeu à sua implementação. Esta fortaleza constituía uma importante defesa da fronteira alentejana. A muralha era constituída por doze torres e sete portas. Atualmente só existem seis torres e três portas. A figura 142 mostra a localização das cinco torres existentes, incluindo a Torre de Menagem. [23]



**Figura. 142 - Localização das torres existentes (fonte: Google Maps)
1 – Torre de Menagem**

Com o passar do tempo, as muralhas deixam de ter a sua função de defesa da cidade e as alvenarias que as constituíam passaram a ser aproveitadas para apoio à construção de habitações (Fig.143).



Figura. 143 - As torres do Castelo e as muralhas fundem-se na cidade (fonte: Google)

A Torre de Menagem apresenta uma planta quadrangular, e servia para proteger o portão principal de acesso ao Pátio de Armas, que era este delimitado por duas torres (Fig.144). No seu interior apresenta elementos de estilo Gótico como tetos de abóbada, rasgados por portas e janelas (Fig.145 e Fig.146).

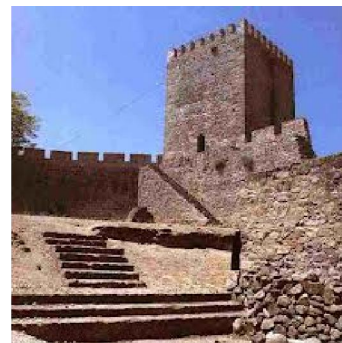
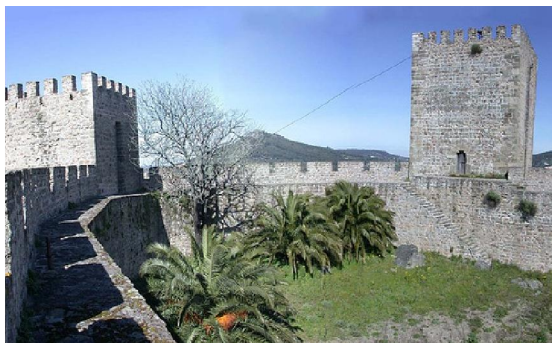


Figura. 144 - Pátio de Armas delimitado por duas torres (fonte: Google)

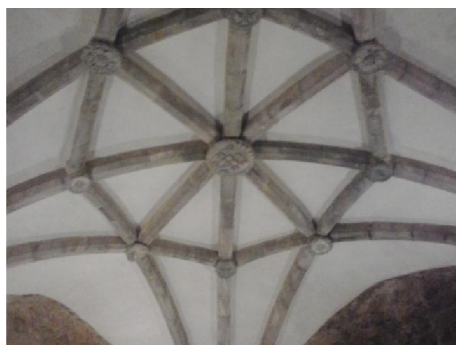


Figura. 145 - Teto de abóbada

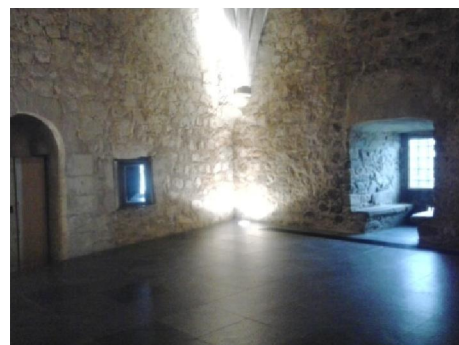


Figura. 146 - Interior da Torre

Durante as obras do Polis o Castelo de Portalegre também sofreu obras de alterações.

No início do século XX, com o prolongamento da Rua do Castelo foi destruído parte do muro que ligava o Pátio de Armas com a Torre de Menagem. Nesta zona o principal objetivo das obras do Polis foi restabelecer essa ligação (Torre da Menagem-Pátio de Armas) através de uma ponte sobre a Rua do Castelo (Fig.1547). Esta nova estrutura combina a madeira e a pedra em três pisos:

- Rés-do-chão: Recepção;
- 1º Piso: Galeria de exposições temporárias;
- 2º Piso: Uma sala onde se pode contemplar uma vista panorâmica da cidade.

No Pátio de Armas encontra-se uma estrutura de madeira com duas galerias sobrepostas direcionadas para a realização de espetáculos ao ar livre durante a época estival (Fig.148). [1]



Figura. 147 - Estrutura de ligação entre a torre e o Pátio de Armas

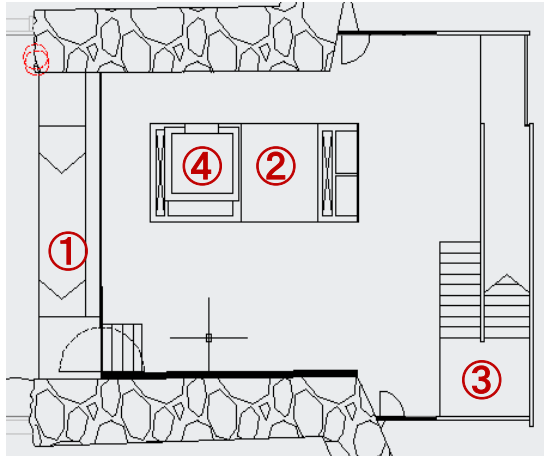


Figura. 148 - Pátio de Armas

No passado dia 8 de Março, foi realizada uma visita ao Castelo de Portalegre com a intenção de desenvolver um projeto para uma intervenção no nível do rés-do-chão, que consistia na colocação de duas portas em vidro como corta-vento na entrada do castelo de modo a torna a zona mais acolhedora. No 2º Piso pretendem-se fazer alterações funcionais, ou seja, pretende-se criar uma nova dinâmica neste espaço, agora sem qualquer tipo de uso. Foi pedido à estagiária que elaborasse uma proposta de intervenção para primeira situação apresentada – colocação de um corta-vento na entrada do castelo.

A figura 149 apresenta a organização atual da entrada para o Castelo.

Para a primeira situação, apresenta-se a colocação de um corta-vento em vidro. A estagiária propôs a implantação de duas portas em vidro como se mostra na figura 154. Esta solução foi pensada para melhorar o bem-estar da funcionária da recepção, e para não tirar a visibilidade da porta de entrada.



Legenda:

- ① - Rampa de acesso para a entrada no castelo
- ② - Receção
- ③ - Escadas de acesso aos pisos superiores
- ④ - Elevador

Figura. 149- Planta do Rés-do-chão do Castelo de Portalegre
(Escala 1:50)

A proposta apresentada prevê a colocação de duas portas que permitam, quando necessário a passagem de grandes volumes.

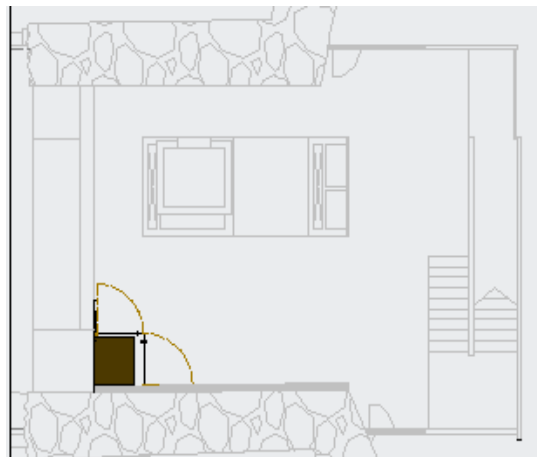


Figura. 150 - Esquema do corta-vento de vidro
(Escala 1:50)

As portas de vidro serão colocadas sobre caixilhos pivotantes que só deverão abrir para o interior do edifício, e terão aproximadamente 3,25m de altura e 1,50m de largura e 10mm de espessura. Estas portas, não atingem o teto. Uma vez que a estrutura do teto é constituída por um vigeamento de madeira, serão colocados chapas de vidro entre os barrotes e o teto, de modo a impedir a circulação de ar. Na figura 151 pode-se ver a solução proposta para o corta-vento.

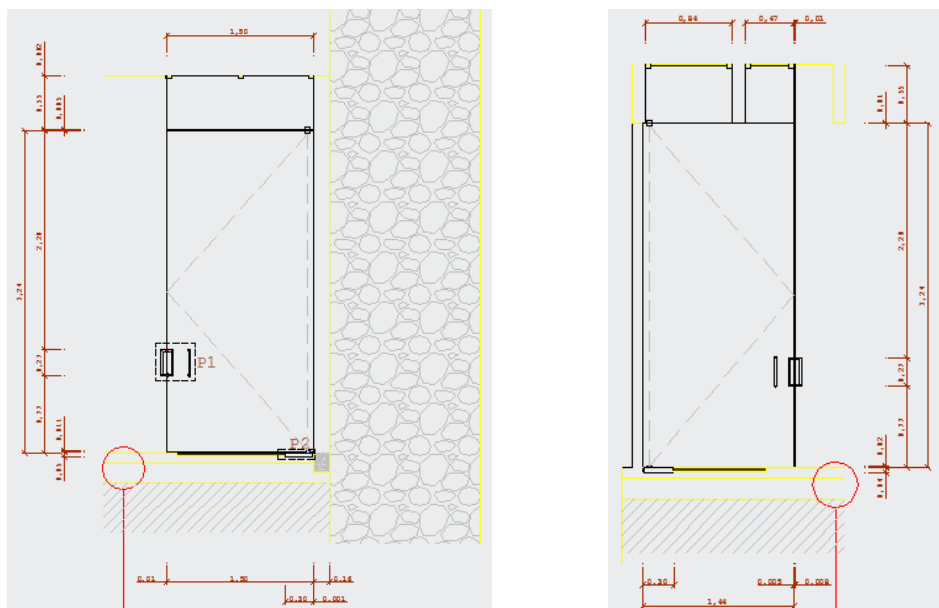


Figura. 151 - Solução proposta para o corta-vento

Relativamente ao 2º Piso, pretende-se remodelar o espaço, para a possível implantação de um restaurante. Esta ideia surgiu, na sequência de ter havido anteriormente, neste espaço um restaurante (Fig.152).

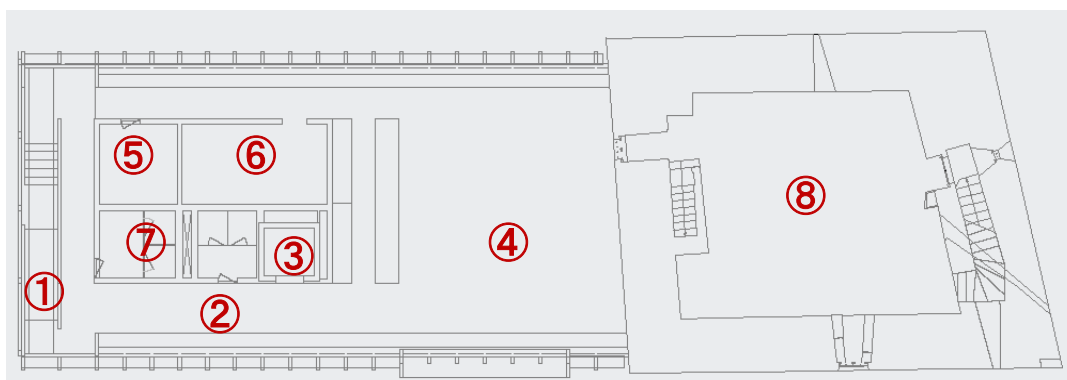


Figura. 152 - Planta de localização do 2º piso do castelo
(Escala 1:50)

Legenda:

- | | |
|------------------------|-----------------------------|
| ① - Escadas de acesso; | ⑤ - Arrumação/despensa; |
| ② - Acesso à sala; | ⑥ - Cozinha; |
| ③ - Elevador; | ⑦ - Instalações sanitarias; |
| ④ - Sala; | ⑧ - Torre na Menagem; |

Estas propostas pretendem dinamizar e atrair a população para a zona histórica da cidade, criando também uma atração turística visto que do 2º piso do Castelo se tem uma vista panorâmica sobre quase toda a cidade de Portalegre.

4.7. Centro Social Diocesano de Santo António – Portalegre



Figura. 153 - Colégio Diocesano de Santo António Portalegre

No final do mês de Maio foi realizada uma vistoria ao Colégio Diocesano de Santo António de Portalegre com o objetivo de transformar uma sala existente numa cozinha para o Centro Social Diocesano de Santo António.

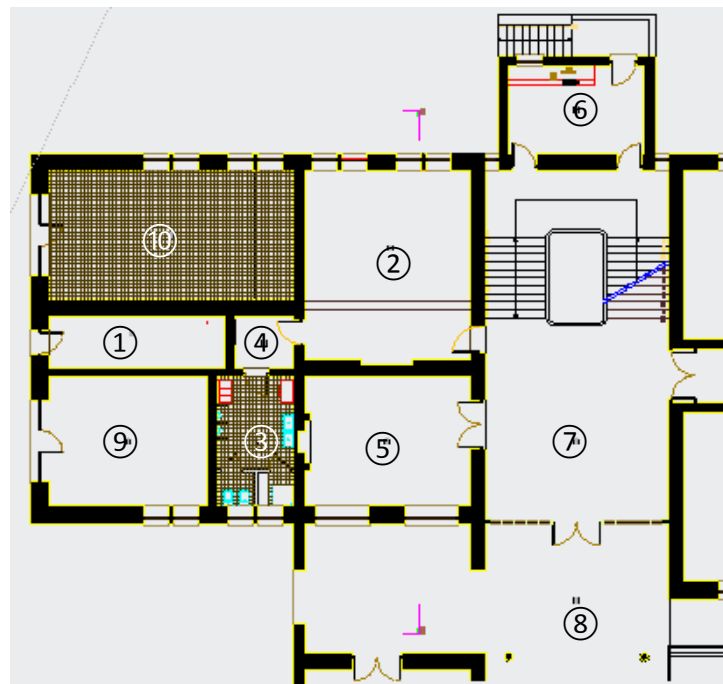


Figura. 154 - Planta existente da zona onde se pretende fazer a cozinha (Planta da autoria do Arq. Hugo Espanhol)

Legenda:

- | | |
|------------------------------------|---------------------------------|
| ① - Dispensa geral | ⑥ - Economato |
| ② - Sala de Estar | ⑦ - Circulação interior |
| ③ - Instalações sanitárias/Cacifos | ⑧ - Circulação exterior coberta |
| ④ - Zona de Circulação | ⑨ - Oficina |
| ⑤ - Sala de Estar | ⑩ - Lavandaria / Engomadaria |

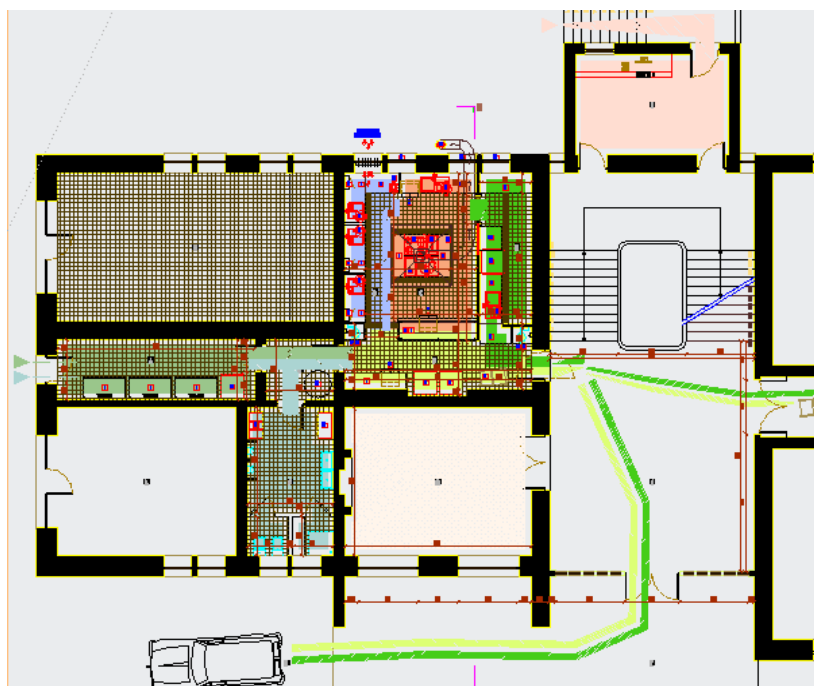


Figura. 155 - Planta proposta para a construção da cozinha
(Planta da autoria do Arq. Hugo Espanhol)

Legenda:

GESTÃO	HIGIENIZAÇÃO FUNCIONÁRIOS	ARMAZENAMENTO	PREPARAÇÃO
CONFECCÃO	DISTRIBUIÇÃO DE ALIMENTOS	LAVAGEM - ZONA SUJA	

Como as figuras 154 e 155 mostram, que quase não houve modificações relativamente à planta do edifício, à exceção da abertura de um vão que permite fazer a ligação entre a zona de armazenamento e a cozinha.

Em relação à implantação da cozinha, prevê-se na Zona de Preparação a criação de três bancadas de lavagem (carne, peixe e legumes/fruta). Cada banca será equipada com um lava-loiça, caixote do lixo e esterilizador de facas. Para a Zona de Confeção pretende-se criar uma bancada de lavagem e ilha onde estarão todos os equipamentos necessários à confeção dos alimentos como fogão, forno, banho-maria, fritadeira, marmita e chaminé industrial. Na Zona de Distribuição de Alimentos existe a partilha de uma bancada com a zona de confeção. Nesta zona podemos encontrar a cuba para o pão e dois armários de refrigeração. Na Zona Suja – Lavagem, prevê-se a construção de uma parede de alvenaria de tijolo de modo a isolar esta zona do resto da cozinha. Será equipada um lava-loiça, caixote do lixo e máquina de lavar a loiça. Por último a Zona de Armazenamento, será equipada com vários armários e com um armário de congelação.

Sendo pedida a colaboração da Estagiária para a elaboração do Mapa de Quantidades e Mapa de Orçamento, ficaram a cargo da estagiária os seguintes artigos:

- Artigo 1 – Estaleiro
 - Artigo 2 – Alvenaria
 - Artigo 3 – Pavimentos e Rodapés
 - Artigo 4 – Paredes
 - Artigo 5 – Tetos
 - Artigo 6 – Equipamentos Hoteleiros
- Artigo 7 – Vãos
 - Artigo 8 – Rede de distribuição de Aguas prediais
 - Artigo 9 – Rede de Aguas Residuais Domesticas

Os restantes artigos do Mapa de Quantidades e do Mapa de Medições ficaram a cargo do Engenheiro Luís Carvalho.

No anexo G encontra as Peças Desenhadas para este Projeto de Execução (Anexo G.1) da autoria do Arquitecto Hugo Espanhol e do Engenheiro Carvalho da Silva e o Mapa de Quantidades e Mapa de Orçamento (Anexo G.2).

4.8. Parque de Campismo

O Parque de Campismo de Portalegre encontra-se localizado na Quinta da Saúde (Estrada da Serra), Freguesia de São Lourenço. Nas instalações do parque podemos encontrar uma receção com habitação anexa, dois edifícios de balneários com lavandaria, um parque infantil, um bar e pontos de água e luz espalhados por todo o parque (Fig. 156). Atualmente, o parque de campismo encontra-se desativo.



Figura. 156 - Perímetro do Parque de Campismo e localização de algumas instalações existente

Legenda:

- ① - Receção com habitação anexa
- ② - Balneários com lavandaria
- ③ - Bar e parque infantil

Foi solicitado à estagiária a participação no Estudo Prévio para o projeto de “*Requalificação do Parque de Campismo de Portalegre*”, tendo como objetivo reabilitar todas as estruturas existentes, bem como o espaço envolvente de modo a que o parque possa entrar de novo em funcionamento.

Durante os meses de Abril e Maio foram realizadas visitas ao Parque de Campismo com o objetivo de fazer o levantamento dimensional das estruturas existentes (Fig. 157, Fig. 158 e Fig. 159), bem como o seu levantamento fotográfico evidenciando todos os pontos degradados das estruturas e de todo o parque.



Figura. 157 - Receção / Habitação do vigilante (1)



Figura. 158 - Balneários femininos e masculinos com lavandaria (2)



Figura. 159 - Balneários femininos e masculinos com lavandaria (3)

O projeto de “*Requalificação do Parque de Campismo de Portalegre*” consiste na limpeza de todo o terreno, na reabilitação das estruturas existentes (Balneários, Receção/Habitação do vigilante) adaptando-as para poderem ser utilizadas por pessoas com mobilidade condicionada através da criação de rampas de acesso e de balneários adaptados. Pretende-se também, a reabilitação do bar e do parque infantil, através da colocação de um pavimento e novos equipamentos, e a criação de uma explanada para serventia do bar. Para além de reabilitar o existente pretende-se a criação de novos acessos dentro do parque, a criação de uma zona de pic-nic com a instalação de mesas e barbecue, a criação de zonas distintas para tendas e caravanas, a criação e recuperação de pontos de água e pontos de eletricidade, a criação de uma nova rede de água e esgotos e a criação de uma zona de lavagem de lixos.

Ao cuidado da estagiária, para a elaboração do Estudo Prévio, ficaram os seguintes item:

- Elaboração de todas as medições necessárias para a reabilitação das estruturas existentes (receção e habitação anexa, balneários e lavandaria).
- Criação de novos pontos de água e pias de despejo em todo o parque.
- Elaboração do traçado da rede de distribuição de águas prediais de todo o parque, de abastecimento aos balneários, receção/habitação anexa, bar e pontos de água.
- Elaboração do traçado da rede de águas residuais domésticas de todo o parque, dos balneários, à receção/habitação anexa, bar e pias de despejo.
- Adaptação e construção de instalações para pessoas com mobilidade reduzida (2).
- Construção de rampas de acessos aos balneários (2).
- Elaboração do Mapa de Quantidades e Mapa de Orçamento.

O Mapa de Quantidades e Mapa de Orçamento executado pela estagiária à exceção dos seguintes artigos: Instalações e Equipamentos de Baixa Tensão (artigo 20), Diversos (artigo 21), Telecomunicações (artigo 22) e Sistemas de Segurança Ativa (artigo 23) da autoria do Engenheiro Luís Carvalho e os artigos: Vedação (artigo 15), Mobiliário (artigo 16), Equipamento Infantil (artigo 17) e Separadores de autocaravanas (artigo 18) da autoria da Arquiteta Estagiária Susana Arias.

No anexo H encontram-se as peças desenhadas para este projeto (anexo H.1), bem como o Mapa de Quantidade e Mapa de Orçamento (anexo H.2).

4.9. Resumo das intervenções apresentadas

A tabela seguinte resume as visitas realizadas pela estagiária a várias obras no decurso do Estágio na Câmara Municipal de Portalegre.

Tabela 4 - Resumo das intervenções apresentadas

Intervenção	Objetivos	Proposta de intervenção
Casa Poeta José Régio	- Requalificação da acessibilidade	→ Construção de uma rampa em betão com acabamento esquadrelado e com plataformas de descanso; → Colocação de um corrimão duplo em estrutura metálica nas zonas em que existe maior desnível entre a rampa e o arruamento.
Museu das Tapeçarias de Portalegre	- Elaboração de um projeto de requalificação de uma cobertura acessível num terraço ajardinado	→ A solução proposta para a requalificação desta cobertura foi a criação de um percurso pedonal sobre lajetas de mosaico, arvoredos de pequeno porte e a colocação pontual de algumas plantas.
Espaço Robinson	- Analisar o estado de conservação dos edifícios dos antigos armazéns da cortiça	

<p align="center">Convento de São Francisco</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de um programa preliminar para a sua requalificação; - Adaptação da estrutura do convento ao funcionamento da CERCI – Portalegre. 	<ul style="list-style-type: none"> → Intervenção nos paramentos exteriores com substituição do revestimento existente; → Colocação de novas portas e janelas; → Criação de uma horta/jardim nos claustros; → Substituição integral da cobertura; → Adaptação de toda a estrutura de modo a criar novos espaços.
<p align="center">ARH Tejo – Administração Regional Hidrográfica do Tejo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de uma rampa em estrutura metálica à sede da ARH Tejo. 	<ul style="list-style-type: none"> → Demolição de parte da parede tardoz do edifício e posterior reconstrução da mesma; → Aplicação de uma rampa metálica, com pavimento em chapa metálica e corrimão triplo.
<p align="center">Castelo de Portalegre</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de uma proposta de intervenção para a criação de um cortavento para o R/C 	<ul style="list-style-type: none"> → Colocação de portas de vidro sobre caixilhos pivotantes; → Colocação de bandeiras me chapa de vidro plano sobre as portas.
<p align="center">Centro Social Diocesano de Santo António</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Elaboração de um projeto para a transformação de uma sala existente em cozinha. 	<ul style="list-style-type: none"> → Abertura de um vão interior que permitirá a ligação entre a zona de armazenamento e a cozinha; → A cozinha está projetada para funcionar com quatro zonas distintas; → Zona de armazenamento, será equipada com armários e com um armário de congelação.
<p align="center">Parque de Campismo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Reabilitar todas as estruturas existentes, bem como todo o espaço envolvente de modo a que o parque possa entrar de novo em funcionamento. 	<ul style="list-style-type: none"> → Limpeza de todo o terreno envolvente; → Reabilitação das estruturas; → Melhoria das acessibilidades no interior do parque; → Melhoria no cesso aos equipamentos disponíveis a pessoas com mobilidade condicionada; → Reabilitação do bar e do parque infantil; → Criação de novos acessos dentro do parque; → Criação de uma zona para pic-nic; → Criação de zonas distintas para tentas e caravanas; → Criação e reparação de pontos de água e pontos de eletricidade; → Execução de uma nova rede de água e esgotos → Execução de uma zona de lavagem.

5. Conclusão

O Estágio Curricular na Câmara Municipal de Portalegre, foi para a estagiária uma experiência muito proveitosa, tanto a nível pessoal como profissional. Teve o privilégio de trabalhar com uma equipa de profissionais de grande competência técnica e de excelentes relações humanas, que desde o primeiro dia a receberam bem e sempre estiveram disponíveis para acompanhar e ajudar em todas as tarefas que desempenhou.

No decurso do estágio foi possível realizar e intervir em diversificadas atividades de que se destaca a colaboração no projeto de requalificação da acessibilidade da casa Museu José Régio, no estudo prévio para requalificação do Convento de São Francisco, no projeto para a transformação de uma sala em cozinha para o Centro Social Diocesano de Santo António e no projeto de requalificação do parque de campismo. Destaca-se também o acompanhamento às vistorias à Casa Museu José Régio, ao Museu das Tapeçarias e ao Espaço Robinson.

Todo o trabalho desenvolvido pela estagiária, permitiu adquirir experiência profissional no domínio da Reabilitação Urbana bem como no âmbito da Engenharia Civil. Tendo este estágio superado todas as expectativas.

Uma conclusão geral a retirar da realização deste estágio curricular é que as situações reais decorrentes do dia-a-dia de trabalho não são tão lineares quanto os problemas académicos. Sob este ponto de vista, o estágio representou uma experiência profissional onde foram colocados à prova os conhecimentos teóricos adquiridos da formação académicas e a capacidade de gestão de tempo na realização de trabalho.

Esta experiência excedeu todas as expectativas, pelo que a Estagiária agradece a oportunidade que lhe foi concedida pela Câmara Municipal de Portalegre, para a realização do seu Estágio Curricular no âmbito do seu Mestrado em Reabilitação Urbana.

6. Referências Bibliográficas

- [1] www.cm-portalegre.pt (consultado em Dezembro de 2013)
- [2] <http://portalegrevirtual.blogspot.pt/2006/01/saida-da-fbrica-robinson.html> (consultado em Janeiro de 2013)
- [3] <http://mtfoliveira.blogspot.pt/2007/05/cidade-dos-sete-conventos.html> (consultado em Janeiro de 2013)
- [4] <http://www.igogo.pt/portalegre/> (consultado em Janeiro de 2013)
- [5] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Portalegre_\(Portugal\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Portalegre_(Portugal)) (consultado em Janeiro de 2013)
- [6] Declaração de retificação n.º324/2013
- [7] <http://www.portaldahabitacao.pt/pt/portal/reabilitacao/index.html> (consultado em Setembro de 2013)
- [8] João Lúcio Lopes Arquitetos, Lda.; Espaço Desenvolver; **“Plano de Pormenor de Conservação, Reconstrução e Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Portalegre; 2ª Fase – Proposta Previa do Plano de Pormenor, Elementos de acompanhamento/Peças Escritas”**; Município de Portalegre (2012)
- [9] Declaração nº 203/2011 – Município de Portalegre
- [10] <http://www.construir.pt/2009/02/20/portalegre-reabilita-centro-historico/> (consultado em Janeiro de 2013)
- [11] João Lúcio Lopes arquitetos, Lda.; Espaço Desenvolvimento; **“ESTRATÉGIA DE REABILITAÇÃO URBANA/CIDADE DE PORTALEGRE”**; Município de Portalegre (2011)
- [12] [Lopes, Nuno Valentim; Feitas, Vasco Peixoto; Gigante, José Manuel; “REABILITAÇÃO DE CAIXILHARIAS DE MADEIRA EM EDIFÍCIOS DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO SÉCULO XX, Do Restauro à Seleção Exigencial de uma Nova Caixilharia”](#); Porto (2006)
- [13] [Documentos fornecidos pela CMP](#)
- [14] <http://montalvoeascinciasdonossotempo.blogspot.pt/2012/07/fabrica-robinson-portalegre-ana-sofia.html> (consultado em Janeiro 2013)
- [15] http://fundis.cidehus.uevora.pt/fundo/468/Convento_de_Sao_Francisco_de_Portalegre (consultado em Fevereiro de 2013)

[16] <http://www.fundacaorobinson.pt/> (consultado em Fevereiro de 2013)

[17] <http://www.fundacaorobinson.pt/multimedia/ficheiros/publicacoes/PFR5.pdf> (consultado em Fevereiro de 2013)

[18] <http://local.pt/igreja-e-antigo-convento-de-sao-francisco-e-fabrica-robinson-em-zona-especial-de-protecao/> (consultado em Fevereiro de 2013)

[19] Borges, Armando Moisés Saldanha; Sousa, Maria Inês Coelho de Melo; Pires, Maria João Afonso Gil & outros; **“REABILITAÇÃO DE EDIFÍCIOS**, As Patologias Mais Frequentes e as Técnicas de Reabilitação de Edifícios”, Porto (2009)

[20] Departamento de Engenharia Civil, Faculdade de Ciências e Tecnologia **“ESTRATÉGIAS E TÉCNICAS DE REPARAÇÃO DE FISSURAS EM ALVERANRIA”**, Coimbra 2009

[21] Farinha, J.S. Brazão; Reis, A. Correia; **“TABELAS TÉCNICAS”**; Lisboa (2000)

[22] [http://www.infopedia.pt/\\$portalegre,2](http://www.infopedia.pt/$portalegre,2) (consultado em Abril de 2013)

Anexos

Anexo A – Levantamento dimensional e breve caracterização de uma Moradia devoluta do Beco da Rua da Figueira



A.1 – Levantamento do alçados e das plantas do edifício;

A.2 – Caracterização do edifício.

Anexo A.1 – Levantamento dimensional

Anexo A.2 – Fichas de Caracterização da Moradia

Tabela 5. Anexo A.2 - Ficha nº 1

Caracterização do edifício						
1. Dados gerais						
Ficha nº	1		Vista geral 			
Distrito	Portalegre					
Concelho	Portalegre					
Localização	Beco da Rua da Figueira					
Ano de construção						
2. Local de implantação						
Isolado		Gaveto	Banda/extremo	X	Banda/meio	
3. Tipologia do edifício						
Multifamiliar		Unifamiliar				
	Garagem	Comercio	Serviços	Habitação	Arrumos	Pé direito (m)
Cave	SEM CAVE					
R/C				X		
Nº pisos				R/C + 2 Pisos		
Sótão						
4. Tipologia da estrutura resistente						
Pórtico/ parede em betão armado			Mista (betão / metálica)			
Viga / pilar em betão armado			Mista (betão / alvenaria)			
Viga / pilar em perfil metálico			Pedra natural			X
Laminar em betão armado			Madeira			X
5. Tipologia da cobertura						
Inclinada	X	Plana / terraço		Mista (inclinada/terraço)		
Visualização pelo exterior			Visualização pelo interior			
			Sem acesso ao interior do edifício			

5.1 Forma da cobertura			
Cobertura de uma água		Cobertura de três águas	
Cobertura de duas águas	X	Acessibilidade	
5.2 Estrutura de suporte			
Betão armado			
Madeira	X	Asna aberta	X
		Asna fechada	
Metálica			
Mista (madeira/metálica)			
Muretes de alvenaria			
5.3 Revestimento da cobertura			
Telha cerâmica lusa		Telha cerâmica plana	
Telha cerâmica marselha		Soletos de ardósia	
Telha cerâmica de canudo	X	Telhas de betão	
Telha cerâmica romana		Fibrocimento	
6. Tipologia dos materiais das paredes exteriores			
Paredes de pano duplo		Paredes de pano simples	X
6.1 Tipologia dos materiais das paredes exteriores			
Alvenaria de tijolo furado		Betão	
Alvenaria de tijolo maciço	X	Blocos de betão de argila expandida	
Pedra natural	X	Desconhecida	
Blocos de betão			
6.2 Tipologia dos revestimentos / acabamentos de paredes exteriores			
Revestimento por elementos descontínuos		Ladrilhos cerâmicos	
		Ladrilhos hidráulicos	
		Placas de pedra natural	
		Placas de pedra artificial	
		Soletos / placas onduladas de fibrocimento	
		Telhas cerâmicas	
Revestimentos de ligantes minerais		Tradicional com pintura	
		Não tradicionais (monomassas) com/sem pintura	
ETICS		Pintura com acabamento liso	X
Betão à vista		Pintura com acabamento rugoso	
Tijolo cerâmico face à vista		Impermeabilização	
7. Tipologia das caixilharias /envidraçados			
Caixilharias		Madeira	X
		Alumínio	
		Aço	
		PVC	
Envidraçados		Simples	X
		Duplo	

Tabela 6. Anexo A.2 - Ficha nº 2

Caracterização do edifício						
1. Dados gerais						
Ficha nº	1		<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;"> Vista geral  </div> <div style="text-align: center;">  </div> </div>			
Distrito	Portalegre					
Concelho	Portalegre					
Localização	Beco da Rua da Figueira					
Ano de construção						
2. Local de implantação						
Isolado		Gaveto		Banda/extremo		Banda/meio
						X
3. Tipologia do edifício						
Multifamiliar		Unifamiliar				
	Garagem	Comercio	Serviços	Habitação	Arrumos	Pé direito (m)
Cave	SEM CAVE					
R/C				X		
Nº pisos				R/C + 1 Pisos		
Sótão						
4. Tipologia da estrutura resistente						
Pórtico/ parede em betão armado			Mista (betão / metálica)			
Viga / pilar em betão armado			Mista (betão / alvenaria)			
Viga / pilar em perfil metálico			Pedra natural			X
Laminar em betão armado						
5. Tipologia da cobertura						
Inclinada	X	Plana / terraço		Mista (inclinada/terraço)		
Visualização pelo exterior				Visualização pelo interior Sem acesso ao interior do edifício		

5.1 Forma da cobertura			
Cobertura de uma água		Cobertura de três águas	
Cobertura de duas águas	X	Acessibilidade	
5.2 Estrutura de suporte			
Betão armado			
Madeira	X	Asna aberta	X
		Asna fechada	
Metálica			
Mista (madeira/metálica)			
Muretes de alvenaria			
5.3 Revestimento da cobertura			
Telha cerâmica lusa		Telha cerâmica plana	
Telha cerâmica marselha		Soletos de ardósia	
Telha cerâmica de canudo	X	Telhas de betão	
Telha cerâmica romana		Fibrocimento	
6. Tipologia dos materiais das paredes exteriores			
Paredes de pano duplo		Paredes de pano simples	X
6.1 Tipologia dos materiais das paredes exteriores			
Alvenaria de tijolo furado		Betão	
Alvenaria de tijolo maciço		Blocos de betão de argila expandida	
Pedra natural	X	Desconhecida	
Blocos de betão			
6.2 Tipologia dos revestimentos / acabamentos de paredes exteriores			
Revestimento por elementos descontínuos		Ladrilhos cerâmicos	
		Ladrilhos hidráulicos	
		Placas de pedra natural	
		Placas de pedra artificial	
		Soletos / placas onduladas de fibrocimento	
		Telhas cerâmicas	
Revestimentos de ligantes minerais		Tradicionais com pintura	
		Não tradicionais (monomassas) com/sem pintura	
ETICS		Pintura com acabamento liso	X
Betão à vista		Pintura com acabamento rugoso	
Tijolo cerâmico face à vista		Impermeabilização	
7. Tipologia das caixilharias /envidraçados			
Caixilharias		Madeira	X
		Alumínio	
		Aço	
		PVC	
Envidraçados		Simples	X
		Duplo	

Anexo B – Casa Museu José Régio

B.1 – Peças desenhadas

B.2 – Mapa de Quantidades e Mapa de Orçamento

Anexo B.1 – Peças Desenhadas

Anexo B.2 – Mapa de Quantidade e Mapa de Orçamento

Anexo C – Portaria n.º 740-DX/2012 de 24 de Dezembro de 2012

Diário da República, 2.ª série—N.º 248—24 de dezembro de 2012

40536-(87)

Plano Pombalino de reconstrução da cidade de Lisboa, conforme planta de delimitação constante do anexo ao presente decreto e que deste faz parte integrante.

2 — O conjunto referido no número anterior passa a ser designado por Lisboa Pombalina, em Lisboa, freguesias da Encarnação, Madalena, Mártires, Sacramento, Santa Catarina, Santa Justa, São José, São Nicolau e São Paulo, concelho e distrito de Lisboa.

3 — É alterada a categoria de classificação, de imóvel de interesse público (IIP) para conjunto de interesse público (CIP).

4 — Nos termos do artigo 54.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro, são aprovadas duas áreas:

a) Área I — correspondente à área de incidência do Plano de Pomenor de Salvaguarda da Baixa Pombalina, conforme Aviso n.º 7126/2011, publicado no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 55, de 18 de março;

b) Área II — correspondente à área agora integrada na classificação, para a qual são fixadas as seguintes restrições:

i) Não são admitidas alterações à volumetria, morfologia, alinhamentos e cêrceas, cromatismo e revestimento exterior dos edifícios sem fundamentação técnica específica, a qual deve incluir, além de outras especialidades que se verifiquem adequadas, relatório de caracterização das pré-existências assinado por historiador de arte, no qual deve ser expressamente avaliado o impacto das alterações para o imóvel e o conjunto de que o mesmo faz parte;

ii) Os projetos de operações urbanísticas que impliquem qualquer impacto ao nível do subsolo são acompanhados, obrigatoriamente, de plano de trabalhos aprovado pelo órgão competente da administração central, o qual deve contemplar a avaliação de impactos ao nível do subsolo, descrevendo e fundamentando as ações e medidas a adotar para assegurar a identificação, preservação e registo de valores arqueológicos;

iii) Todos os imóveis são passíveis de suscitar o exercício do direito de preferência, em caso de venda ou dação em pagamento;

iv) Todos os imóveis ficam sujeitos ao regime de obras ou intervenções previsto no Decreto-Lei n.º 140/2009, de 15 de junho.

19 de dezembro de 2012. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier*.

ANEXO



26032012

Portaria n.º 740-DX/2012

A "Igreja de São Francisco", em Portalegre, encontra-se classificada como imóvel de interesse público (IIP), conforme Decreto n.º 47 508, publicado no *Diário do Governo*, 1.ª Série, n.º 20, de 24 de janeiro de 1967.

O Convento de São Francisco foi fundado no último quartel do século XIII, e sofreu profundas campanhas de obras posteriores. Das obras góticas restam apenas os dois absidiolos da cabeceira, algumas abóbadas de cruzaria de ogivas assentes em capitéis de decoração vegetalista e as elegantes janelas da nave. No século XVI, o corpo da igreja e o cruzeiro foram reformulados, e o absidiolo Sul foi adaptado como capela de Gaspar Frago, albergando um monumental túmulo e retábulo manuelino. As mais importantes obras datam, porém, de meados de Seiscentos, incidindo sobre a quase totalidade do conjunto, incluindo o portal principal, a capela-mor e o claustro, testemunhando o impacto que o Barroco tardio teve neste espaço.

Após a extinção das Ordens Religiosas, que determinou a rápida degradação do convento, parcialmente adaptado como quartel, e o abandono da igreja, parte da cerca conventual adquiriu novos usos. A oficina de cortiça aí instalada pelo inglês Thomas Reynolds foi alugada em 1848, e mais tarde vendida em hasta pública, ao comerciante Georges Williams Robinson. Esta seria a base da Fábrica de Cortiça Robinson, instalação industrial gerida por sucessivas administrações familiares e finalmente transferida para mãos portuguesas em 1941. Numa primeira fase, foram reutilizadas as áreas correspondentes à antiga livraria conventual e ao refeitório, sobre o qual se ergueram os dois primeiros edifícios fabris. O edifício destinado ao fabrico de rolas é já de construção contemporânea.

A importância patrimonial das estruturas do complexo fabril, tanto as originárias do antigo convento como as levantadas de raiz, soma-se o valor do equipamento industrial atualmente *in situ*, e que inclui uma linha de doze autoclaves para cozimento dos aglomerados negros de cortiça, associada aos respectivos sistemas de energia e de vapor instalados ainda na primeira metade do século XX. Entre as estruturas mais recentes, nem todas de uso exclusivamente fabril, devem ser mencionadas as habitações de trabalhadores e proprietários, para além de uma creche erguida junto à fábrica.

Assim, pela presente portaria, procede-se às seguintes alterações:

i) - à ampliação da área classificada, de forma a incluir o antigo Convento de São Francisco, os edifícios onde veio posteriormente a funcionar a Fábrica Robinson, e todas as estruturas fabris, incluindo maquinaria pesada e altos-fornos, por se tratar de um conjunto patrimonial com evidente coerência e unidade, excedendo o valor memorial e artístico da igreja (e convento) e estendendo-se ao uso fabril das instalações, que passam assim a constituir um testemunho religioso, cultural, económico, social e urbanístico da maior importância para a cidade de Portalegre até à segunda metade do século XX;

ii) - à red denominação do conjunto classificado;

iii) - da categoria de classificação, de imóvel de interesse público (IIP) para conjunto de interesse público (CIP), de acordo com a legislação em vigor.

A ampliação da área classificada do Conjunto constituído pela Igreja e antigo Convento de São Francisco e Fábrica Robinson reflete os critérios constantes do artigo 17.º da lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, relativos ao caráter matricial do bem, ao seu interesse como testemunho simbólico ou religioso, ao seu valor estético, técnico e material intrínseco, à sua conceção arquitetónica e urbanística e à sua extensão e ao que nela se reflete do ponto de vista da memória colectiva.

Nos termos do artigo 54.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, e tendo em vista a proteção e salvaguarda do conjunto, são fixadas algumas restrições.

A zona especial de proteção (ZEP) tem em consideração a totalidade do conjunto e a sua integração urbanística. A sua fixação visa salvaguardar o conjunto na sua envolvente, de forma a garantir a dignidade do enquadramento e a correta leitura das perspetivas de contemplação ou "pontos de vista".

Nos termos do artigo 43.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, e tendo em vista a proteção e salvaguarda da zona envolvente ao conjunto, são fixadas algumas restrições.

Foram cumpridos os procedimentos de audição dos interessados, previstos no artigo 27.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, e nos artigos 25.º e 45.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2011, de 5 de dezembro, de acordo com o disposto nos artigos 100.º e seguintes do Código do Procedimento Administrativo.

Assim:

Sob proposta dos serviços competentes, nos termos do disposto no artigo 15.º, no n.º 1 do artigo 18.º, no n.º 2 do artigo 28.º e no artigo 43.º da Lei n.º 107/2001, de 8 de setembro, conjugado com o disposto no n.º 2 do artigo 30.º e no n.º 1 do artigo 48.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2011, de 5 de dezembro, e no uso das competências conferidas pelo n.º 11 do artigo 10.º do Decreto-Lei

40536-(88)

Diário da República, 2.ª série—N.º 248—24 de dezembro de 2012

n.º 86-A/2011, de 12 de julho, manda o Governo, pelo Secretário de Estado da Cultura, o seguinte:

Artigo 1.º

Classificação

1 — É ampliada a área da “Igreja de São Francisco”, em Portalegre, classificada como imóvel de interesse público (IIP) pelo Decreto n.º 47 508, publicado no *Diário do Governo*, I Série, n.º 20, de 24 de janeiro de 1967, passando a abranger o antigo Convento de São Francisco, os edifícios onde veio posteriormente a funcionar a Fábrica Robinson, e todas as estruturas fabris, incluindo maquinaria pesada e altos-fornos, conforme planta de delimitação constante do anexo ao presente decreto e que deste faz parte integrante.

2 — O conjunto referido no número anterior passa a ser designado por Conjunto constituído pela Igreja e antigo Convento de São Francisco e Fábrica Robinson, na Praça da República, no Largo dos Aviadores, na Avenida Vitorino Nemésio, na Estrada Nacional 246 e na Rua Olinda Sardinha, Portalegre, freguesia da Sé, concelho e distrito de Portalegre.

3 — É alterada a categoria de classificação, de imóvel de interesse público (IIP) para conjunto de interesse público (CIP).

4 — Nos termos do artigo 54.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro, são fixadas as seguintes restrições:

a) Dada a heterogeneidade dos edifícios que compõem este espaço, só são permitidas obras de alterações quando integradas em planos plenamente eficazes;

b) Admitem-se alterações no cromatismo e revestimento exterior dos edifícios quando justificadas pelo mau estado de conservação e desde que os materiais e a paleta cromática a utilizar sejam compatíveis com a estrutura e imagem do edificado;

c) Na área do conjunto, qualquer intervenção que implique a afetação do subsolo deve ser alvo de um plano de trabalhos arqueológicos e respetivo acompanhamento;

d) Toda a publicidade deve ser restrita ao nível dos pisos térreos.

Artigo 2.º

Zona especial de proteção

1 — É fixada a zona especial de proteção do conjunto referido no artigo anterior, conforme planta de delimitação constante do anexo à presente portaria e que desta faz parte integrante.

2 — Nos termos do artigo 43.º do Decreto-Lei n.º 309/2009, de 23 de Outubro, são fixadas as seguintes restrições:

a) As intervenções que impliquem alterações no solo ou subsolo devem ter um plano de trabalhos arqueológicos;

b) Nos edifícios que forem objeto de conservação, restauro, construção ou remodelação devem ser eliminados todos os elementos dissonantes;

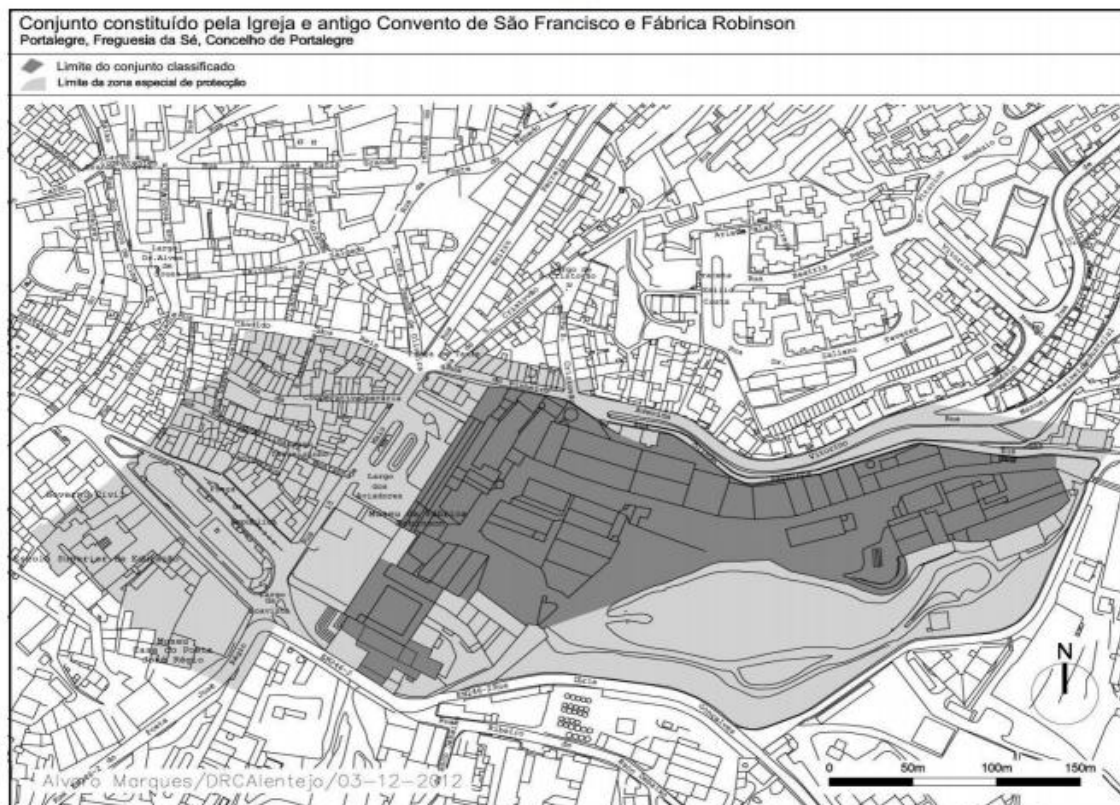
c) Qualquer obra a realizar nesta área deve respeitar os valores ou enquadramentos arquitetónicos e paisagísticos relevantes e não prejudicar as características dominantes da área urbana envolvente;

d) Os pomenes notáveis deverão ser mantidos, nomeadamente cunhais, vergas, frisos e cornijas. No caso de pré-existências de elementos arquitetónicos de valor, como sejam as cantanias ou elementos decorativos, deve o novo projeto contemplar a sua reutilização;

e) As zonas definidas como espaços verdes e /ou espaços públicos não poderão ser utilizadas para outros fins. Os espaços verdes a criar deverão ser objeto de projetos obrigatoriamente elaborados por arquiteto paisagista.

19 de dezembro de 2012. — O Secretário de Estado da Cultura, *Jorge Barreto Xavier*.

ANEXO



26002012

Portaria n.º 740-DZ/2012

O Paço do Lumiar encontra-se classificado como conjunto de interesse público (CIP), conforme Portaria n.º 644/2012, publicada no *Diário da República*, 2.ª série, n.º 212, de 2 de novembro.

O valor histórico do conjunto assim designado tem como suporte aquilo que resta de um importante conjunto de quintas de lavoura e recreio, casa nobres e um pequeno núcleo habitacional, que conviviam com a extensa propriedade da Coroa de origem trecentista que deu nome à localidade, constituindo um agregado patrimonial coeso cujas

Anexo D – Colaboração no Programa Preliminar do Convento de São Francisco

- D.1 – Plantas de requalificação do Convento de São Francisco;
- D.2 – Colaboração na elaboração do Mapa de Orçamento;
- D.3 – Colaboração na elaboração no Mapa de Medições;
- D.4 – Identificação das principais anomalias e propostas de reparação.

Anexo D.1 – Plantas de requalificação do convento de São Francisco

Anexo D.2 – Mapa de Quantidades e Mapa Orçamento

Anexo D.3 – Estudo de Anomalias

Tabela 7. Anexo D.3 - Ficha nº1: Humidade Ascensional



Ficha de Anomalias	
 Paredes	
Anexo D.3	
Ficha nº 1	
Tipo de defeito:	Registo Fotográfico:
Humidade Ascensional	
Descrição:	
A parede em causa apresenta manchas de humidade, eflorescências, descasque da pintura e zonas de colonização biológica.	
Causa aparente:	
A principal causa do aparecimento deste tipo de humidade, neste local é a possível existência de um poço ou cisterna, por baixo do edifício, com o nível freático elevado.	
Prevenção:	
Propostas de reparação:	
Para reparar esta anomalia, sugere-se as seguintes opções:	
<ul style="list-style-type: none"> • Impedir a ascensão de água nas paredes: deste modo pretende-se estabelecer um corte hídrico na base da parede, neste caso aplica-se duas técnicas distintas, introdução de barreiras estanques através do corte das paredes e/ou introdução de produtos impermeabilizantes. • Retirar a água em excesso das paredes, pode-se optar-se por, método eletro-osmótico ou pelo método por drenos atmosféricos. Uma vez que se tratar de uma parede de grandes dimensões este tipo de soluções não serão soluções eficazes para resolver este problema. 	

Tabela 8. Anexo D.3 - Ficha nº2: Humidade por infiltração de água



Ficha de Anomalias	
 Tetos	
Anexo D.3 Ficha nº 2	
Tipo de defeito:	Registo Fotográfico:
Humidade por infiltração de água	
Descrição:	
O teto do piso 1 apresenta manchas escuras junto à parede e ao vão da janela. Esta coloração deve-se ao desenvolvimento de fungos e bolores. Esta zona atingiu-se uma situação limite em que se pode observar escorrência de água na parede.	
Causa aparente:	
Esta Anomalia deve-se à infiltração de água das chuvas pela cobertura ou pela parede de fachada (fissuração, destacamento ou desagregação do revestimento)	...
Prevenção:	
Propostas de reparação:	
<p>Para reparar esta anomalia, sugere-se as seguintes opções:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Correção dos defeitos identificados como reparação da cobertura, tapamento de possíveis fissuras na parede de fachada, colocação de telas impermeabilizantes pelo exterior da parede; • Reparação, substituição e/ou reforço dos elementos deteriorados para limitar a passagem de água – reparação de todo o teto afetado com a possível colocação de telas impermeabilizantes; • Limpeza e acabamento decorativo da zona afetada. 	

Tabela 9. Anexo D.3 - Ficha nº3: Humidade por infiltração de água em zonas pontuais



Ficha de Anomalias	
 Tetos	Anexo D.3 Ficha nº 3
Tipo de defeito:	Registo Fotográfico:
Humidade por infiltração de água em zonas pontuais	
Descrição:	
O teto do piso 1 apresenta manchas de cor escura junto à parede e manchas ligeiramente mais claras à que nos vamos afastando da parede, como mostra a figura.	
Causa aparente:	
Esta Anomalia deve-se à infiltração de água das chuvas através da cobertura ou paredes de fachada (arestas, pontos de fixação, juntas de dilatação). Outra possível causa pode ser a fixação de todos de queda que permitam a entrada de água.	
Prevenção:	
Propostas de reparação:	
<p>Como proposta de reparação desta anomalia tem-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Correção dos defeitos identificados como reparação da cobertura, tapamento de possíveis fissuras na parede de fachada, colocação revestimento corretivo em todo o teto e parede exterior (revestimentos hidrofugos); • Limpeza e acabamento decorativo da zona afetada; 	

Tabela 10. Anexo D.3 - Ficha nº4: Fungos e Bolores





Ficha de Anomalias	
 Tetos	
Anexo D.3	
Ficha nº 4	
Tipo de defeito:	Registo Fotográfico:
Fungos e Bolores	
Descrição:	
Desenvolvimento e alastramento de bolor distribuído por toda a superfície do teto.	
Causa aparente:	
As possíveis causas para o aparecimento desta anomalia são: humidade permanente, temperaturas amenas e fraca ventilação.	
Prevenção:	
Propostas de reparação:	
<p>Como proposta de reparação desta anomalia tem-se:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Limpeza da superfície afetada através do uso de produtos apropriados – aplicação de biocidas; • Reforço da ventilação do espaço. 	

Tabela 11. Anexo D.3 - Ficha nº5: Fissuração Longitudinal

Ficha de Anomalias	
 Tetos	
Anexo D.3 Ficha nº 5	
Tipo de defeito:	Registo Fotográfico:
Fissuração longitudinal	
Descrição:	
Existem fissuras que se desenvolvem ao longo do teto abobadado numa zona de circulação do edifício.	
Causa aparente:	
Uma das possíveis causas para o aparecimento de fissuras é o assentamento das fundações da estrutura ou aumento da sobrecarga da cobertura esta estrutura. Nesta zona não há presença de qualquer tipo de humidade, o mesmo não acontece nas zonas adjacentes. Estas fissuras, segundo funcionárias da instituição CERCI, aumentaram devido às vidrações introduzidas no solo durante as obras de construção do parque de estacionamento enfrente ao edifício. De momento a fissuração encontra-se estabilizada.	
Prevenção:	
Propostas de reparação:	
Para reparar esta anomalia, sugere-se: <ul style="list-style-type: none"> • Eliminação da anomalia: Aplicação de argamassa no preenchimento das fissuras e possível aplicação de fita de papel para a dessolidarização do revestimento. Nesta caso utiliza-se uma técnica pouco invasiva, visto se tratar de um edifício antigo. • Ocultação da anomalia: Aplicação de revestimento complementar desligado ou significativamente flexível. Trata-se de uma solução económica, podendo ser definitiva se esta garantir a funcionalidade do elemento. 	

Anexo E - ARH Tejo – Administração Regional Hidrográfica do Tejo

E.1 – Peças desenhadas;

E.2 – Memória descritiva;

E.3 – Mapa de quantidades e mapa de orçamento.

Anexo E.1 - Peças desenhadas

Anexo E.2 – Memória Descritiva



Câmara Municipal de Portalegre

Divisão de Ordenamento, Planeamento e Gestão Urbanística

Refere-se a presente memória descritiva e justificativa ao projeto de execução de uma rampa de acesso à Sede da Administração Regional Hidrográfica do Tejo (ARH Tejo).

Este projeto tem por base resolver a inexistência de acessos ao edifício a pessoas com mobilidade reduzida. Presentemente o único acesso é feito através de escadas pelo alçado principal.

Para resolver o problema do acesso ao edifício, propõe-se a execução de uma rampa metálica no alçado tardoz do edifício, uma vez que na entrada principal não é a melhor solução para a implantação da rampa em virtude da falta de espaço.

Com a introdução de uma estrutura metálica compreende-se os seguintes estudos para a sua completa definição:

- Demolição de parte da parede e peitoril existente para colocação de uma porta com bandeira em vidro fosco (vão com 1,15m largura);
- Reconstrução da parede de alvenaria e execução de uma nova soleira na zona da porta do mesmo material existente nos peitoris das janelas do edifício.
- Construção de uma estrutura metálica em aço, conforme os desenhos em anexo, devidamente decapada e metalizada a quente com liga de zinco-alumínio e pintura à pistola com equipamento “airless” ou equivalente em esmalte liso da Cinofer (CIN) ou equivalente, cor RAL 7036;
- Colocação de uma Membrana em Neoprene ou equivalente, entre a estrutura metálica e as paredes do edifício;
- A fixação desta será efetuada por Parafusos M12 (utilização de anilha de Neoprene, ou equivalente) e com recurso à utilização de bucha metálica (bucha química se necessário);
- Colocação do piso em chapa metálica em Favo com 3mm de espessura, antiderrapante devidamente decapada e metalizada a quente com liga de zinco-alumínio e pintura à pistola com equipamento “airless” ou equivalente, em esmalte liso da Cinofer (CIN) ou equivalente, cor RAL 7036;
- A chapa metálica em Favor será fixa à estrutura através de rebites (escareados);
- Construção de um corrimão duplo, conforme os desenhos em anexo, este deve ser

devidamente decapada e metalizada a quente com liga de zinco-alumínio e pintura à pistola com equipamento “airless” ou equivalente em esmalte liso da Cinofer (CIN) ou equivalente, cor RAL 7036;

- O corrimão será fixo à estrutura através de Parafusos M12 (utilização de anilhas de Neoprene ou equivalente) em que a porca se encontram soldadas pelo interior da estrutura;
- Construção de apoios (pé ajustáveis) de suporte reguláveis de acordo com a inclinação do terreno e com altura a que se encontra a plataforma, conforme desenhos em anexo, a estrutura deve ser devidamente decapada e metalizada a quente com liga de zinco-alumínio;
- A fixação dos apoios de suportes será feita com recurso à utilização de Parafusos M12 (utilização de anilhas de Neoprene ou equivalente) em que a porca se encontra soldada pelo interior da estrutura.
- Colocação de uma Porta em alumínio, arco e contra arco, fechadura, barra anti-panico e bandeira lateral em vidro fosco.
- Substituição das janelas existente por janelas em alumínio, uma fixa e outra basculante. A posição das novas janelas serão os mesmos das atuais janelas, em que as duas janelas das pontas são fixas e a do centro fixa.

NOTA:

No omissos ou menos claro, deverá seguir-se a legislação em vigor, as boas normas técnicas de construção, em especial a sinalização temporária na realização dos trabalhos e as indicações técnicas dadas pelo técnico responsável do projeto e fiscalização da obra.



Anexo E.3 – Mapa de Quantidades e Mapa de Orçamento

Anexo F – Castelo de Portalegre

F.1 – Peças desenhadas do piso 0 (planta de localização e corta-vento em vidro);

Anexo F.1 – Piso 0: Corta-vento

Anexo G – Centro Social Diocesano de Santo António – Portalegre

G.1 – Peças desenhadas;

G.2 – Mapa de quantidades e mapa de orçamento.

Anexo G.1 – Peças desenhadas

Anexo G.2 – Mapa de Quantidade e Mapa de Orçamento

Anexo H – Parque de Campismo

H.1 – Peças desenhadas,

H.2 – Mapa de quantidades e mapa de orçamento

Anexo H.1 - Peças desenhadas

Anexo H.2 – Mapa de Quantidade e Mapa de Orçamento

Anexo I – Diário de Estágio

I.1 – Diário de Estágio de 26 de Novembro de 2012 até 31 de Janeiro de 2013

I.2 – Diário de Estágio, de 5 de Fevereiro de 2013 até 28 de Junho de 2013

Anexo I.1 – Diário de Estágio de 26 de Novembro de 2012 até 31 de Janeiro de 2013

Tabela 12. Anexo I.1 - Diário de Estágio de 26 de Novembro de 2012 até 31 de Janeiro de 2013

Data	Tarefas Realizadas
26/11/2012	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Início do estágio; ↳ Análise do Projeto de Arquitetura e Especialidades (peças desenhadas e peças escritas) do “Percurso de Ligação à Zona do Museu das Tapeçarias – Programa Polis”.
27/11/2012	↳ Continuação da Análise do Projeto do “Percurso de Ligação à Zona do Museu das Tapeçarias – Programa Polis”.
28/11/2012	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Início do levantamento do edifício a reabilitar; ↳ Determinação das cotas para começar a reproduzir o edifício.
29/11/2012	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Continuação do levantamento do edifício; ↳ Desenho dos alçados.
03/12/2012	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Continuação dos desenhos dos alçados; ↳ Desenho da planta da cobertura.
04/12/2012	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Continuação dos desenhos; ↳ Início da Elaboração do Relatório de Estágio Curricular.
05/12/2012	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Desenho dos Alçados e Planta atual da moradia; ↳ Levantamento fotográfico; ↳ Medições “<i>in situ</i>”. <p>NOTA: as medições não poderem ser efetuadas devido ao mau tempo.</p>
06/12/2012	↳ Início da elaboração da Planta de Arquitetura do 2º piso (planta provisória).
10/12/2012	↳ Atualização das plantas de acordo com as fotografias tiradas.
11/12/2012	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Ida ao local do edifício; ↳ Medições dos alçados (frente, lateral e posterior); ↳ Novo levantamento fotográfico; ↳ Observação e análise mais atenta ao estado de conservação/degradação do edifício; ↳ Confronto e ajustamento das medições obtidas no local com as medições obtidas através das plantas existentes referentes ao percurso de ligação ao Museu das Tapeçarias. <p>Observações: Durante esta análise, verificou-se a existência, no alçado posterior, de duas janelas e uma porta que foram posteriormente tamponadas.</p>
12/12/2012	↳ Continuação do ajuste das plantas com as medições e fotos já efetuadas.

13/12/2012	↳ Continuação da elaboração do Relatório de Estágio Curricular.
15/12/2012	↳ Reunião com os orientadores de estágio; ↳ Discussão de alguns aspetos referentes ao relatório.
17/12/2012	↳ Elaboração de Fichas para a caracterização do edifício; ↳ Alteração de alguns pontos do relatório.
18/12/2012	↳ Pesquisa sobre a caracterização histórica do edifício; ↳ Definição dos futuros objetivos em relação ao que se pretende fazer com o edifício em estudo; ↳ Ida ao museu Casa José Régio, para a elaboração de uma proposta de orçamento para execução de um projeto de reabilitação.
19/12/2012	↳ Ida ao Museu das Tapeçarias para a execução de um projeto de requalificação de uma cobertura acessível; ↳ Ida à Sé Catedral para a visualização dos trabalhos de requalificação da ala Sul.
20/12/2012	↳ Elaboração do Relatório de Estágio Curricular, relativo à Casa Museu José Régio; ↳ Descrição da ida ao museu das Tapeçarias e à Sé Catedral.
02/01/2013	↳ Elaboração do Relatório de Estágio Curricular; ↳ Criação dos Anexos do Relatório de Estágio Curricular.
03/01/2013	↳ Esboço das plantas de arquitetura do R/C, Piso 1 e Piso 2; ↳ Resolução de problemas com a rampa de acesso; ↳ Alteração da Planta do Alçado posterior.
07/01/2013	↳ Alteração da Planta do R/C, criando uma nova proposta para a planta de arquitetura; ↳ Correção das Plantas do Alçados.
08/01/2013	↳ Alteração da Planta de R/C devido à criação de rampas de acesso; ↳ Criação de duas propostas para as plantas de arquitetura do R/C e do Piso 2; ↳ Descrição das alterações propostas e descrição das duas propostas para as plantas de arquitetura.
09/01/2013	↳ Ida ao Espaço Robinson para uma vistoria das condições em que se encontra o espaço; ↳ Alteração do Relatório de Estágio Curricular.
10/01/2013	↳ Elaboração e pesquisa do subcapítulo “Espaço Robinson”.
14/01/2013	↳ Elaboração do subcapítulo “Proposta de Intervenção”; ↳ Adaptação das plantas de arquitetura para o Relatório de Estágio Curricular.
15/01/2013	↳ Continuação e conclusão da elaboração do subcapítulo “Proposta de Intervenção”.
16/01/2013	↳ Pesquisa e início da elaboração do subcapítulo “Historia de Portalegre”.

17/01/2013	↳ Conclusão do subcapítulo “Historia de Portalegre”.
21/01/2013	↳ Elaboração da “Introdução” do Relatório de Estágio Curricular.
22/01/2013 e 23/01/2013	↳ Problemas informáticos que impossibilitaram a realização do estágio.
24/01/2013	↳ Elaboração do Relatório de Estágio Curricular; ↳ Pesquisa para o subcapítulo “Câmara Municipal de Portalegre”.
26/01/2013 e 27/01/2013	↳ Elaboração do “Resumo” e “Abstrat”.
28/01/2013	↳ Elaboração das obras de reabilitação levadas a cabo pelas CMP; ↳ Criação de um novo subcapítulo “Obras de reabilitação realizadas pela Câmara Municipal de Portalegre”.
29/01/2013	↳ Levantamento de fotográfico com o intuito de completar as fichas em anexo e o subcapítulo “Percurso de ligação à zona do museu das tapeçarias”; ↳ Criação, pesquisa e elaboração de um novo subcapítulo “Programa PROHABITA”.
30/01/2013	↳ Identificação, no mapa de Portalegre, mais precisamente na Zona Histórica, os edifícios reabilitados no contexto do Programa PROHABITA; ↳ Identificação de algumas dúvidas em relação ao Relatório de Estágio Curricular.
31/01/2013	↳ Finalização do Relatório de Estágio Curricular a entregar no final deste semestre; ↳ Revisão de todo o Relatório.

Anexo I.2 – Diário de Estágio, de 5 de Fevereiro de 2013 até 28 de Junho de 2013

Tabela 13. Anexo I.2 - Diário de Estágio de 5 de Fevereiro de 2013 ate 28 de Junho de 2013

Data	Tarefas Realizadas
05/02/2013	↳ Alteração do Relatório de Estágio Curricular.
06/02/2013	↳ Elaboração da Conclusão.
07/02/2013	↳ Análise do Projeto do ICTVR – Centro de Realidade Virtual de Portalegre.
08/02/2013	↳ Continuação da análise do projeto ICTVR – Centro de Realidade Virtual de Portalegre; ↳ Análise do projeto do Auditório A.
11/02/2013 até 04/03/2013	↳ Ida ao Convento de São Francisco, atuais instalações da CERCi, com intenção da elaboração de um Programa Preliminar para o projeto de requalificação do edifício; ↳ Levantamento fotográfico e levantamento de algumas medidas para a elaboração e esclarecimento de dúvidas das plantas existentes; ↳ Colaboração na realização do Programa Preliminar para o Projeto de Requalificação do Convento de São Francisco – Mapa de Orçamento e Mapa de Medições; ↳ Análise do Projeto “CERCi Portalegre” (Mapa de Medições, Mapa de Orçamento e Desenhos); ↳ Análise do Mapa de Quantidades referente ao Projeto “Museu Municipal de Portalegre”; ↳ Análise do Mapa de Quantidades e de Orçamento do Projeto “Recuperação e Adaptação das Estruturas Arquitetónicas da Igreja de São Francisco a Espaço Cultural – Fundação Robinson”
12/02/2013	↳ Colaboração na realização do Programa Preliminar do Projeto de Requalificação do Convento de São Francisco; ↳ Início da elaboração do Mapa de Orçamento – definição da estrutura da cobertura, pavimentos e revestimento interior e exterior.
13/02/2013	↳ Levantamento fotográfico do Edifício (Convento de São Francisco); ↳ Mapa de Orçamentação – definição dos equipamentos sanitários.
14/02/2013	↳ Mapa de Orçamento – continuação da definição dos equipamentos sanitários.
15/02/2013	↳ Alteração da cobertura, análise da solução economicamente mais vantajosa para a cobertura; ↳ Mapa de Orçamento – definição do revestimento dos tetos interiores e exteriores e tetos falsos.
18/02/2013	↳ Mapa de Orçamento – definição da pintura interior e exterior, definição das escadas e rampa de acesso.

19/02/2013	↳ Mapa de Orçamento – definição da rede de águas residuais doméstica.
20/02/2013	↳ Mapa de Orçamento – definição da rede de distribuição de águas prediais.
21/02/2013	↳ Mapa de Orçamento – definição da rede predial de drenagem de águas pluviais e definição dos arranjos exteriores (criação de uma zona de horta).
22/02/2013	↳ Mapa de Orçamento – definição dos vãos interiores, vãos exteriores e vãos envidraçados.
25/02/2013	↳ Mapa de Orçamento – definição do betão e das paredes de alvenaria; ↳ Início da elaboração do Mapa de Medições.
26/02/2013 até 04/02/2013	↳ Elaboração do Mapa de Medições.
05/03/2013	↳ Elaboração do Subcapítulo “Convento de São Francisco”.
06/03/2013	↳ Elaboração do Relatório de Estágio Curricular.
07/03/2013	↳ Elaboração de uma rampa em estrutura metálica para a Administração Regional Hidrológica do Tejo.
08/03/2013	↳ Ida à Casa Museu José Régio fazer levantamento fotográfico e levantamento dimensional; ↳ Ida ao Castelo de Portalegre fazer levantamento fotográfico e levantamento de algumas dimensões necessárias à criação de um corta-vento na entrada (rés-do-chão) e de alterações estruturais no 2º Piso.
09/03/2013	↳ Reunião com os Orientadores de Estágio; ↳ Discussão de alguns aspetos referentes ao Relatório de Estágio Curricular.
11/03/2013	↳ Elaboração da rampa em estrutura metálica; ↳ Escolha de perfis metálicos para as plataformas que constituem a rampa de acesso bem como a escolha de perfis para a elaboração do corrimão.
12/03/2013	↳ Rampa em estrutura metálica: elaboração das plataformas metálicas.
13/03/2013	↳ Rampa em estrutura metálica: elaboração do corrimão.
14/03/2013	↳ Rampa em estrutura metálica: colocação do corrimão em toda a estrutura e pregagem da estrutura à parede; ↳ Início da criação das fichas de anomalias do Convento de São Francisco.

15/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa em estrutura metálica: criação dos apoios para a estrutura; ↳ Elaboração das fichas de anomalias para o Convento de São Francisco.
18/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa em estrutura metálica: alteração dos apoios; ↳ Continuação da elaboração das fichas de anomalias para o Convento de São Francisco.
19/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa em estrutura metálica: sobreposição de camadas.
20/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa em estrutura metálica: definição de layer e cortes.
21/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Conclusão das fichas de anomalias do Convento de São Francisco (anexo C.4); ↳ Alteração do Subcapítulo “Convento de São Francisco”.
22/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa em estrutura metálica: cotagem da planta, ajuste e “escalagem” dos desenhos nas folhas de impressão.
25/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa em estrutura metálica: plantas de Pormenor.
26/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa em estrutura metálica: planta de pormenor.
27/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa em estrutura metálica: “escalagem” das plantas de pormenor, adaptação das cotas à nova escala.
28/03/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa em estrutura metálica: conclusão.
02/04/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Início do Castelo de Portalegre: elaboração de dois corta-ventos em vidro; ↳ Elaboração do Subcapítulo “Castelo de Portalegre”.
03/04/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo Portalegre: Início das alterações estruturais no 2º Piso.
04/04/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: continuação das alterações do 2º Piso.
05/04/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: continuação das alterações do 2º Piso.
08/04/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Pesquisa e elaboração de Pivot para as portas (corta-vento); ↳ Castelo de Portalegre: alteração das cotas e desenvolvimento do pavimento térreo.
09/04/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Ajustes da Rampa Metálica para impressão das plantas.
10/04/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Rampa Metálica: adaptação e alguns ajustes das plantas para impressão;
15/04/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Finalização da Rampa com estrutura metálica; ↳ Elaboração da Memoria Descritiva para o projeto “Rampa de Acesso à Sede da ARH Tejo- Administração Regional Hidrográfica do Tejo.
16/04/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Continuação da elaboração da Memoria Descritiva projeto “Rampa de Acesso à Sede da ARH Tejo; ↳ Alteração do projeto da estrutura metálica para a Rampa de acesso à ARH tejo devido à existência de dois tubos de queda que não foram considerados inicialmente no projeto.

17/04/2013	↳ Continuação das alterações no projeto da estrutura metálica para a rampa de acesso à ARH Tejo.
18//04/2013	↳ Conclusão do Projeto da rampa metálica para a sede da ARH Tejo; ↳ Arranjo das plantas da moradia do Beco da Rua de Figueira: colocação das contas em todas as plantas.
19/04/2013	↳ Rampa Metálica: impressão de todas as plantas, cortes, alçados e pormenores com todas as alterações feitas.
22/04/2013	↳ Elaboração de plantas de pormenor para o Castelo de Portalegre; ↳ Castelo de Portalegre: alteração das plantas do 2º Piso do castelo de Portalegre.
23/04/2013	↳ Ida ao Parque de Campismo com o objetivo de fazer um levantamento fotográfico e dimensional das estruturas existente (primeiro edifício); ↳ Apreciação do estado geral de conservação do Parque de Campismo (avaliação do primeiro edifício).
24/04/2013 a 02/05/2013	↳ Elaboração de um Mapa de Quantidades e de um Mapa de Orçamento para o projeto “Rampa de Acesso à Sede da ARH Tejo”
03/05/2013	↳ Castelo de Portalegre: alteração das portas de vidro propostas para o Rés-do-chão; ↳ Castelo de Portalegre: nova alteração da estrutura de suporte de balcão proposto para o 2º piso.
06/05/2013	↳ Acerto de alguns pontos na Memória Descritiva e no Mapa de Orçamento da Rampa Metálica para a Sede da ARH Tejo.
07/05/2013	↳ Castelo de Portalegre: reestruturação da parede divisória do 2º piso.
08/05/2013	↳ Ida ao Parque de Campismo com objetivo de fazer levantamento fotográfico e dimensional do segundo edifício; ↳ Levantamento dos pontos de abastecimento de eletricidade, pontos de descarga e pontos de água existentes em todo o Parque de Campismo; ↳ Ida ao Castelo de Portalegre para esclarecimento de algumas dúvidas estruturais (levantamento fotográfico e levantamento dimensional).
09/05/2013	↳ Castelo de Portalegre: alterações das plantas e das soluções propostas devido ao levantamento feito no dia anterior; ↳ Início da elaboração do Mapa de Orçamento para a reabilitação do Parque de Campismo, com base no levantamento que havia sido efetuado até à data.
10/05/2013	↳ Castelo de Portalegre: continuação das alterações nas plantas do 2º piso.
13/05/2013	↳ Elaboração do Mapa de Medições do Parque de Campismo.

14/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: nova alteração na estrutura de suporte do 2º piso; ↳ Colégio de Portalegre: ajuda no levantamento dimensional e levantamento fotográfico de quatro zonas do Colégio para elaboração de uma cozinha.
15/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: continuação da elaboração da estrutura de suporte da parede divisória do 2º piso; ↳ Parque de Campismo: ida ao parque fazer o levantamento dimensional e o levantamento fotográfico do terceiro edifício (Receção) <p>NOTA: O levantamento foi feito só pelo exterior devido à impossibilidade de entrar no edifício.</p>
16/05/2013 e 17/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: continuação das alterações da estrutura existente no 2º piso.
20/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: elaboração das plantas de pormenor da estrutura de suporte da parede divisória do 2º piso.
21/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: Nova alteração da estrutura metálica de suporte da parede divisória do 2º piso.
22/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: Continuação das novas alterações
24/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: elaboração de uma vista em 3D para melhor perceção da nova estrutura e de todas as alterações efetuadas.
27/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: Alteração da estrutura de apoio do balcão proposto para o 2º piso.
28/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Castelo de Portalegre: alteração da “suposta estrutura” existente na parede divisória do 2º piso. Adaptação de todas as estruturas propostas à nova estrutura metálica.
28/05/2013 a 31/05/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Parque de Campismo: continuação da elaboração do Mapa de Quantidade e Mapa de Orçamento.
03/06/2013 a 05/06/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Colégio de Portalegre: elaboração do Mapa de Orçamento e Mapa de Medições para a elaboração de uma cozinha.
06/06/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Colégio de Portalegre: conclusão do projeto da cozinha; ↳ Parque de Campismo: continuação da elaboração dos mapas de orçamento e medições.
07/06/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Casa Museu José Régio: início da elaboração do Mapa de quantidades e do Mapa de Orçamento para a construção de uma rampa de acesso ao museu; ↳ Parque de Campismo: continuação da elaboração dos mapas de orçamento e medições.
11/06/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Parque de Campismo: continuação da elaboração dos mapas de orçamento e medições.
12/06/2013	<ul style="list-style-type: none"> ↳ Casa Museu José Régio: elaboração do Mapa de quantidades e do Mapa de Orçamento para a construção de uma rampa de acesso ao

	museu.
13/06/2013	<ul style="list-style-type: none">↳ Casa Museu José Régio: elaboração do Mapa de quantidades e do Mapa de Orçamento para a construção de uma rampa de acesso ao museu;↳ Casa Museu José Régio: Elaboração dos perfis transversais para a rampa de acesso ao museu.
14/06/2013	<ul style="list-style-type: none">↳ Casa Museu José Régio: conclusão do Mapa de quantidades e do Mapa de Orçamento para a construção de uma rampa de acesso ao museu;↳ Parque de Campismo: continuação da elaboração dos mapas de orçamento e medições.
17/06/2013 a 20/06/2013	<ul style="list-style-type: none">↳ Parque de Campismo: elaboração dos mapas de orçamento e medições.
21/06/2013	<ul style="list-style-type: none">↳ Parque de Campismo: conclusão do projeto de reabilitação, mapa de orçamento e mapa de medições.
24/06/2013 A 28/06/2014	<ul style="list-style-type: none">↳ Atualização do Relatório de Estágio;↳ Fim do Estágio.